



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS  
CAMPUS PALMAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ELIECI PEREIRA DA SILVA**

**APELIDOS NA CAPOEIRA: a representatividade nas nomeações dos  
capoeiristas de Palmas - Tocantins**

**PALMAS  
2023**

**ELIECI PEREIRA DA SILVA**

**APELIDOS NA CAPOEIRA: a representatividade nas nomeações dos  
capoeiristas de Palmas - Tocantins**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras  
do Instituto Federal do Tocantins, como exigência  
à obtenção do título de Licenciado em Letras.

**Orientadora:** Profa. Dra. Soraia Cristina Blank  
**Coorientador:** Prof. Me. Saldanha Alves Braga

PALMAS

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins**

---

S586a Silva, Elieci Pereira da  
Apelidos na capoeira : a representatividade nas nomeações dos  
capoeiristas de Palmas - Tocantins / Elieci Pereira da Silva. –  
Palmas, TO, 2023.  
63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -  
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,  
2023.

Orientadora: Dra. Soraia Cristina Blank  
Coorientador: Me. Saldanha Alves Braga

1. Capoeira. 2. Nomeação. 3. Significação. I. Blank, Soraia  
Cristina. II. Braga, Saldanha Alves. III. Título.

**CDD 400**

---

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é  
autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

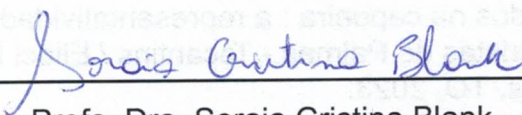
**ELIECI PEREIRA DA SILVA**

**APELIDOS NA CAPOEIRA: a representatividade nas nomeações dos  
capoeiristas de Palmas - Tocantins**

Relatório final, apresentado ao Instituto Federal do Tocantins, Campus Palmas, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado do Curso de Graduação em Letras.

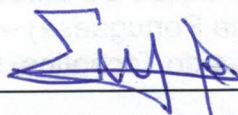
Local, 04 de dezembro de 2023

**BANCA EXAMINADORA**



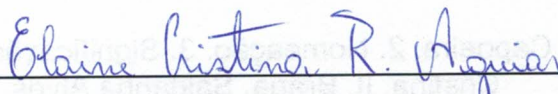
Profa. Dra. Soraia Cristina Blank

Instituto Federal do Tocantins



Prof. Me. Saldanha Alves Braga

Instituto Federal do Tocantins



Profa. Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar

Instituto Federal do Tocantins

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu esposo, aos meus filhos, e a toda minha família e amigos que sempre torceram por mim.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

Ao meu esposo Luzigleidson que acima de tudo é um grande amigo, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo.

Sou grata aos meus filhos, Wemerson, Larissa e Wanderson pelo apoio e torcida em todos os momentos delicados da minha vida.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora Soraia Cristina, que apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica aceitou me orientar neste trabalho. As suas valiosas indicações fizeram toda a diferença.

Ao meu coorientador Saldanha Alves Braga pela grande atenção dispensada que se tornou essencial para que o projeto fosse concluído.

Aos meus colegas do curso de Letras pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

## RESUMO

Fazer uso da língua e da significação das palavras é uma forma do indivíduo se inserir no mundo desde os primórdios. Considerando a crescente relevância no processo de significação das palavras, trataremos nesta pesquisa sobre o processo de nomeações de pessoas. Compreendendo assim, a motivação e a significação dos nomes a partir dos valores expressivos de cada intitulado, a fim de entender as várias formas de manifestações linguísticas e culturais de um povo. O estudo se debruça especificamente sobre o apelido, elemento que contribui significativamente para a construção da identidade dos praticantes da capoeira. Aqui evidenciaremos como se deu a prática do apelido nessa comunidade, bem como sua funcionalidade social. Assim também, este estudo confere maior relevância para o meio ambiente como gênese e modulador-chave do comportamento de cada indivíduo. Logo, segundo Bandura (2005), a personalidade é construída a partir da interação complexa entre três elementos: ambiente, comportamento e o psicológico individual. Esta pesquisa investiga a história, as raízes africanas e os elementos culturais que motivaram e sustentam os apelidos na capoeira, destacando sua evolução desde as práticas tradicionais até sua incorporação contemporânea em contextos globais. Assim sendo, envolve uma revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com mestres de capoeira que residem em Palmas no Tocantins, para proporcionar uma compreensão abrangente da riqueza cultural e das dimensões sociais dessa manifestação.

**Palavras-chave:** Capoeira. Nomeação. Significação. Motivação. Construção identitária.

## **ABSTRACT**

Making use of language and the meaning of words is a way for individuals to insert themselves into the world from the beginning. Considering the growing relevance in the process of meaning of words, in this research we will deal with the process of naming people. Thus, understanding the motivation and meaning of names based on the expressive values of each title, in order to understand the various forms of linguistic and cultural manifestations of a people. The study focuses specifically on the nickname, an element that significantly contributes to the construction of the identity of capoeira practitioners. Here we will highlight how the nickname was practiced in this community, as well as its social functionality. Likewise, this study gives greater relevance to the environment as the genesis and key modulator of each individual's behavior. Therefore, according to Bandura (2005), personality is built from the complex interaction between three elements: environment, behavior and individual psychology. This research investigates the history, African roots and cultural elements that motivated and sustain nicknames in capoeira, highlighting their evolution from traditional practices to their contemporary incorporation in global contexts. Therefore, it involves a bibliographical review, documentary analysis and interviews with capoeira masters who live in Palmas, Tocantins, to provide a comprehensive understanding of the cultural richness and social dimensions of this manifestation.

**Keywords:** Capoeira. Appointment. Meaning. Motivation. Identity construction.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A SEMÂNTICA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 LÉXICO E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA.....</b>	<b>16</b>
<b>4 NOME PRÓPRIO E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL.....</b>	<b>19</b>
<b>5 A CAPOEIRA.....</b>	<b>22</b>
5.1 Apelidos na capoeira.....	24
5.2 Conhecendo os apelidos dos capoeiristas de Palmas Tocantins.....	27
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>28</b>
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>29</b>
7.1 A motivação do apelido na capoeira.....	30
7.2 Valores expressivos e a dupla função da linguagem.....	33
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema onomástico brasileiro interliga-se diretamente com a semântica em seu processo de significação para dar conta de explicar os aspectos que envolvem a nomeação dos indivíduos. Desde a sua existência, o ser humano sempre nomeou tudo à sua volta: pessoas, coisas, espaços, sensações entre outros. Assim sendo, a presente pesquisa tem como tema o apelido na capoeira e como objeto de análise o significado da nomeação para o indivíduo intitulado. Muito se discute a respeito da significação dos signos linguísticos, logo, a nomeação é um dos pontos centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. Durante a pesquisa foi feito todo um desdobramento em torno do sistema de nomeação de pessoas para entender como elas são atribuídas.

Compreende-se o nome próprio de pessoa como integrante do léxico, em que, apresenta características importantes de trajetória, ideologias, motivações, valores e devoções de um ser enquanto social. Segundo Dias (2018), os nomes, como parte integrante do léxico, refletem a cultura e o modo de categorização própria de um determinado grupo. Nessa perspectiva, a função principal das nomeações é diferenciar as pessoas entre si. Em algum momento na existência do indivíduo houve a necessidade da nomeação, que conseqüentemente, acabam por refletir características culturais de uma determinada sociedade.

Nessa linha de raciocínio, compreendendo a língua como manifestação da cultura de um povo e destacando seu caráter histórico e identitário, propõe-se aqui verificar os aspectos culturais que envolvem a língua, a cultura e a identidade, evidenciados nos signos. O apelido na capoeira tem como característica inserir o indivíduo em um ciclo social que ele não conhecia, e a partir de então iniciar a construção de sua identidade.

A capoeira surgiu no Brasil como meio de combate e resistência ainda no período colonial. De início, teve que lutar contra a classe opressora e, desde então vem lutando e residindo em todos os campos de atuação social, representando e difundindo a língua e cultura brasileira pelo mundo. Portanto, por se inserir em diversos campos de atuação social, é relevante explorar cientificamente qualquer fenômeno e/ou valor atrelado a essa arte.

Este estudo tem sua importância por abordar uma temática que possui valores significativos para determinadas pessoas, porém, pouco investigado.

Existem várias publicações sobre a capoeira num contexto histórico, mas, uma investigação com embasamento teórico a respeito do sistema de nomeação é bastante precária, e este é o ponto central dessa pesquisa. Fornecer informações, dados que norteiam a prática de atribuir nomeações aos praticantes da capoeira, e seus valores significativos. Logo, o apelido é um elemento importante para construção da identidade de indivíduos pertencentes à comunidade capoeirística.

Nesse sentido, este estudo semântico tem a finalidade de aprofundar-se para compreender como se dá esse processo de nomeação, que é inserido ativamente neste ambiente social. Segundo Guiraud (1980), cada nomeação acontece a partir de motivações distintas e de diferentes correntes de pensamento que podem esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social de um povo. Assim sendo, buscou-se aqui responder algumas inquietações como: qual a motivação para nomear os praticantes da capoeira, qual o significado do apelido para os intitulados, e se existe alguma relação associativa para denominar o capoeirista.

Assim sendo, a presente pesquisa teve como objetivos compreender a motivação e a significação do apelido na Capoeira a fim de conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira, bem como entender as várias formas de manifestações linguísticas. Aqui, será apresentado o contexto e a importância da nomeação para essa comunidade; será tratado também, do processo associativo entre os termos utilizados para dar nomes aos praticantes da capoeira e o sentido original da palavra; e por fim, será apresentado a análise dos dados que foram verificadas a partir da teoria sociocognitiva de Albert Bandura. Com base nesse autor, o ambiente em que o indivíduo convive, é o principal mediador no processo de aprendizagem e construção de uma identidade.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa pontua-se: é de natureza aplicada e qualitativa, e classifica-se como descritiva e exploratória. Com relação aos procedimentos técnicos para a aferição de dados, foi realizada a pesquisa de campo. Por meio desse método, aplicou-se entrevistas abertas a mestres de capoeira que residem em Palmas no Tocantins.

Esta pesquisa é composto pela introdução, onde apresentamos o tema, o objeto de estudo, a relevância e também um recorte da metodologia; no capítulo dois, fazemos uma abordagem sobre a Semântica e sua importância nos estudos linguísticos; no capítulo três, tratamos do Léxico e sua funcionalidade na língua; no

quarto, abordamos a questão do nome próprio e sua importância social; no quinto, fazemos um apanhado na historiografia da capoeira, o qual vem acompanhado por dois subcapítulos que fazem uma explanação sobre a motivação inicial para nomear os capoeiristas, apresentando um quadro com algumas nomeações de praticantes da capoeira pertencentes ao Município de Palmas Tocantins; no sexto, demonstramos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa; no sétimo, apresentamos e analisamos os dados coletados; no oitavo, tecemos as considerações finais e o nono, apresentamos as referências que embasaram toda a pesquisa.

Por fim, dentro desse interesse semântico ligados ao sentido e a significação da palavra a partir de uma concepção sociocultural, espera-se que esta pesquisa venha contribuir para a compreensão das diversas formas de manifestações linguísticas, bem como valorizar e fortalecer a tradição.

Ao analisar a relação entre língua, cultura e identidade para comprovar que o estudo do ato de nomear as coisas não se limita a uma análise linguística, Abbade (2020), aponta que Isquierdo (2008), reconhece que um estudo lexicológico sobre os processos de nomeação relaciona-se à Etnolinguística, área dos estudos linguísticos que se preocupa em perceber a influência da cultura no léxico e na gramática de uma língua, de acordo com as atividades, a estrutura social e o ambiente geográfico do povo que a usa, aspectos fundamentais para a construção de sua identidade cultural.

## **2 A SEMÂNTICA**

Semântica é um ramo da linguística que se ocupa em estudar sistematicamente o significado das palavras. Na antiguidade, o significado se dava a partir dos estudos etimológicos, numa perspectiva histórica e mecanicista sem merecer destaque nos estudos linguísticos. Desse modo, segundo Trujillo (2012), o termo semântica veio a surgir no ano de 1883, criado pelo filósofo Bréal, considerado o fundador da semântica moderna. Segundo esse mesmo autor, o teórico apresenta o nome da nova ciência e reclama dos trabalhos convencionalizados e sem aprofundamento de diversos linguistas. Bréal tinha consigo inquietações a respeito dos estudos anteriores, percebia a dificuldade dos estudiosos, nos estudos e análises do sentido de uma palavra. Porém, mesmo tendo

se passado tantos anos, ainda hoje não há uma definição para muitos aspectos referente ao estudo da significação.

Os aspectos linguísticos de difícil definição geram mudanças significativas, que podem ser morfológicas, fonológicas, sintáticas, semânticas, lexicais ou pragmáticas. Nessa perspectiva, a semântica moderna introduzida pelo filósofo Bréal, estabelece o estudo para a ciência das significações e das leis que comandam a transformação dos sentidos. Assim, o estudo é voltado para o sentido das palavras, ou seja, estuda o significado e sua relação com o significante para a construção da significação/sentido. Desse modo, o significado faz relação ao sentido e, assim, ao conteúdo e o contexto, e o significante faz relação à forma e, assim, de palavra ou de sinais, de grafia ou de som. O valor semântico de uma palavra, é tudo que se refere ao sentido de um sinal de comunicação, é um processo associativo das ideias no seio da língua.

Estudar semântica é um instrumento eficiente para termos mais ciência das sutilezas do significado (Oliveira, 2001). As palavras não são apenas ar soprado, elas são dotadas de significados. De acordo com essa mesma autora, a semântica é científica simplesmente por considerar que o significado deve ser descrito e explicado segundo uma metodologia naturalista. Desse modo, atribuir sentido às palavras e sentenças de uma língua é uma decorrência da espécie humana, é por essa razão que desde pequeno o ser humano já consegue atribuir sentido às coisas e se fazer compreendido.

Para Oliveira (2001), “atribuir sentido às sentenças é, como respirar, um fenômeno natural, porque ocorre em qualquer circunstância, mesmo quando há deficiências severas (e das mais diferentes ordens)”. Assim sendo, a semântica é imprescindível para aqueles cujo objeto de reflexão é a linguagem humana, já que a própria definição de linguagem supõe a existência de significado, elemento importante para a formação do cidadão.

Tendo em vista que, o estudo da semântica está voltado para a estrutura comunicativa e, como a estrutura impacta em seu significado e em sua compreensão, várias teorias e definições surgiram ao longo do tempo dentro desse campo linguístico, logo, a compreensão é confusa diante de tantos empregos que encontramos a cada dia a respeito desse termo. Em Godois e Dalpian (2010, apud Ullmann, 1964), o significado é um dos termos mais ambíguos e questionáveis da

teoria da linguagem. Para o Linguista, o significado da palavra é uma relação recíproca entre o som e o sentido.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Godois e Dalpian (2010), afirmam que o significado das palavras na maioria das vezes é determinado pelos falantes, especialmente no que se refere às alterações de significado. As pessoas concebem o significado de uma palavra diferentemente umas das outras. Assim, cada pessoa visualiza mentalmente, nomeia e compreende o significado de uma palavra diferentemente, a depender de aspectos culturais. Desse modo, o significado das palavras costuma ser determinado pelos próprios falantes, pois interagem e percebem o mundo de maneira diferente um do outro, ou seja, a significação é construída socialmente dentro de um determinado sistema linguístico.

A habilidade linguística e a capacidade semântica do ser humano é baseada em um conhecimento específico que o falante tem sobre a língua e a linguagem. Dessa forma, o significado das palavras é relevante em todos os níveis sociais e pode interferir significativamente em vários aspectos na vida das pessoas. “Na história do Brasil, vários são os exemplos de tentativas de mudar o significado das palavras ou atribuir uma palavra nova para determinado significado” (Godois; Dalpian, 2010). As mudanças por causas linguísticas ocorrem quando o sentido de uma palavra pode ser transferido para outra por serem utilizadas simultaneamente num mesmo contexto. As causas históricas contribuem para as mudanças de significado relacionadas a objetos, instituições, ideias, conceitos científicos, que mudam no decorrer do tempo, mas que conservam o nome.

Segundo Godois e Dalpian (2010), “até mesmo os nomes próprios podem ser acometidos por alterações semânticas, especialmente, as relacionadas à extensão do significado”. Um caso típico dessa alteração é a palavra amélia, que originalmente era usada, e ainda é, como um nome próprio feminino, mas, hoje, o termo já é usado para designar a mulher amorosa, passiva e serviçal (apud Houaiss; Villar; Franco, 2001).

Considerando que a língua é viva e sofre modificações como todo ser vivo, pode-se concluir que as palavras estão em constante aperfeiçoamento de forma a satisfazer as necessidades dos que dela fazem uso. Nesse sentido, o significado das palavras é móvel e pode restringir-se, expandir-se, enfim, adaptar-se. Logo, o significado é um sistema arbitrário e imposto pelas sociedades para se obter sentido

do que está em nosso meio de forma que estabeleça a comunicação entre os indivíduos.

Como adiantado anteriormente, a significação é construída socialmente dentro de um determinado sistema linguístico. De acordo com Biderman (2001), os falantes são quem intermediam a perpetuação e a reelaboração contínua do léxico de uma língua, um processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo linguístico. O signo é um instrumento de comunicação, é a representação da união entre o significante e o significado, é a imagem acústica que substitui o referente/real. Dentro desse interesse semântico ligados ao sentido e a significação da palavra a partir de uma concepção sociocultural, interliga-se a essa pesquisa, um campo autônomo do conhecimento que se relaciona com diferentes áreas, inclusive a linguística, a onomástica.

A onomástica é responsável pelo estudo dos nomes próprios, analisados em diferentes aspectos: gramaticais, etimológicos, sócio-históricos entre outros. Segundo Godois e Dalpian (2010, apud Ullmann, 1964), “através dos estudos dos nomes próprios podem se esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social de um povo”. O termo Onomástica é de origem grega, cujo significado é “a arte de nomear”. Ela divide-se em dois campos de atuação: a toponímia, estudo dos nomes de lugar, e antroponímia, estudo dos nomes de pessoas. A antroponímia está diretamente ligada ao sistema de nomeação dos indivíduos, trata-se dos antropônimos.

Segundo Dias (2018, apud Camara Jr., 1984), antropônimos são denominações atribuídas às pessoas dentro de uma sociedade para distinguir umas das outras. Dentro dessa categoria de nomeação, além dos nomes próprios também se enquadram os sobrenomes, os apelidos, os hipocorísticos, os pseudônimos etc.

Cabe aqui ressaltar que, o ser humano sempre nomeou tudo à sua volta: pessoas, coisas, espaços, sensações entre outros, e que essas nomeações surgem a partir de motivações distintas e de diferentes correntes de pensamento. Diante dessa realidade, o ato de nomear as coisas é uma prática sobretudo humana, é consequência do convívio social. Devido a essa consequência social, vários aspectos são levados em consideração em um processo de denominação como questões linguísticas, culturais, motivacionais e também associativas de conceito cognitivo ou expressivo. Assim, o significado do nome relaciona-se diretamente à

ideia, é constituído a partir de interferências históricas e culturais de uma determinada sociedade.

### **3 LÉXICO E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA**

A linguagem possui uma relevância grandiosa quanto ao forte caráter social que lhe é atribuída, logo, é fruto da natureza humana. A linguagem é a forma de traduzir a realidade social, ela reflete a maneira subjetiva das pessoas verem o mundo, que lhe é própria. Por meio dela, os indivíduos expressam aquilo que sentem e pensam e, principalmente, estabelecem interação para a vida em sociedade. Nesse sentido, o funcionamento de uma língua envolve a articulação de diversos componentes, entre eles o significado das palavras.

De acordo com Pereira (2021), as palavras são as ferramentas pelas quais o homem exprime aquilo que deseja, é através delas que são nomeados os objetos, as pessoas, os produtos, os sentimentos e tudo aquilo que se conhece.

Em uma perspectiva cognitiva-representativa, a codificação da realidade é interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Já em uma perspectiva comunicativa, é o conjunto de palavras que os membros de uma comunidade utilizam para comunicarem entre si. Assim sendo, nas duas perspectivas trata-se sempre da codificação de um saber compartilhado. Desse modo, associado ao conhecimento e ao processo de nomeação em qualquer língua, o léxico resulta de uma operação perceptiva e cognitiva.

O estudo do léxico permite a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e da preservação de parte da sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural. Nesse sentido, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Logo, é através da linguagem que os indivíduos expressam seus sentimentos, bem como estabelecem a interação, elemento primordial para o convívio em sociedade.

O léxico em seu funcionamento exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação. Assim, o léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

Consoante Dias (2018), o léxico de uma língua natural é considerado o acervo completo das palavras disponíveis aos falantes que pode ser criado, recriado e



modificado no interior das relações socioculturais. Nesta perspectiva, os falantes são os agentes responsáveis pela perpetuação e reelaboração contínua do léxico.

A relação do homem com o mundo é intermediada pela linguagem, e as palavras correspondem, segundo Antunes (2010), à representação linguística das categorias cognitivas que são construídas pelas as pessoas ao longo de sua existência. Essa mesma autora considera o léxico como uma espécie de “memória representativa” das matrizes cognitivas construídas pelo homem, “uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa” (Antunes, 2010).

Considerando as afirmações das autoras Dias (2018) e Antunes (2010), é pertinente mencionar que, por meio do estudo lexical de uma língua, é possível apreender as manifestações culturais e a cosmovisão do grupo que o utiliza, uma vez que os signos linguísticos são permeados por traços da cultura, história, valores e crenças desse grupo.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, conforme a informação trazida por Dias (2018), Sapir (1969), reforça que;

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. Que o léxico completo de uma língua pode ser visto como um registro complexo de todas as ideias, interesses e ocupações que chamam a atenção da comunidade..

A afirmação de Sapir é sustentada e expandida por Oliveira e Isquerdo (2001), a qual aponta que;

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade (Oliveira; Isquerdo, 2001).

Os critérios de classificação podem alterar-se e expandir-se para incluir realidades até então inexistentes como invenções novas, ou novas criações mentais dos seres humanos. Pode-se considerar a formação de conceitos como o processo

cognitivo primário e a nomeação (designação) como o processo cognitivo secundário. Os conceitos são modos de ordenar ou de tratar os dados sensoriais. Assim sendo, a conceptualização vem a ser o próprio processo cognitivo. O homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos.

Na dimensão individual, o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve.

As palavras não são meras etiquetas de conceitos já completados e armazenados; são etiquetas sim, mas de um processo de categorização ou de uma família de tais processos *in fieri*. Devido à natureza dinâmica do processo subjacente, os referentes das palavras podem mudar muito, os significados podem expandir-se e as categorias estão sempre abertas a mudanças (Biderman, 1998, p. 90).

Portanto, o léxico ligado diretamente ao mundo extralinguístico, é considerado a dimensão mais aberta e portanto mais imediatamente afetada por grandes mudanças ou eventos históricos. De acordo com Dores e Cordeiro (2022), as palavras constituem testemunhos que marcaram uma cultura no decorrer de sua história, entendendo aqui, que cultura e sociedade são indissociáveis, e que caracterizam o estado atual de uma língua. Desse modo, ao reunir os objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Segundo Biderman (2001), foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. Significa dizer que, a nomeação da realidade pode ser considerada a primeira etapa do processo científico do conhecimento humano, pois esse processo de nomeação constituiu o léxico das línguas naturais.

Diante dessas considerações, é possível compreender, que o nome como integrante do léxico, apresenta características importantes de trajetória, ideologias, motivações, valores e devoções de um ser enquanto social. Logo, ao utilizar a palavra para nomear as coisas ao seu redor, os falantes edificam e organizam seu léxico. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico humano de conhecimento do universo.

#### 4 NOME PRÓPRIO E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Os nomes próprios, sejam de pessoas, sejam de lugares pertencem ao nosso cotidiano. Desse modo, se faz presente em quase todas as ações que realizamos, ou seja, é comum na vida de qualquer cidadão. Em qualquer ocasião que precisamos nos apresentar, seja formal ou informal, empregamos nossos nomes, do mesmo modo, quando nos referimos a uma outra pessoa, é comum utilizarmos algum nome próprio, seja o oficial ou outra denominação que o indivíduo se reconheça.

O nome de uma pessoa não só serve para que ela seja identificada dentro da sociedade da qual faz parte e registrada nos documentos oficiais do estado ou religiosos, mas também, é um registro de acontecimentos, de homenagens, de proteção, de pertencimento, ou melhor, é, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais. De acordo com Bréal (1992), no exato momento em que o nome é criado, existe uma correspondência entre o que se pensou sobre o objeto designado. No caso dos nomes próprios de pessoas, este seria o mais significativo de todos.

Partindo desse pensamento, é coerente afirmar que a atribuição dos nomes próprios de pessoas não é arbitrária e nem são apenas simples léxicos que servem para diferenciar os seres humanos, mas existem fatores sociais que estão relacionados a escolha da denominação. Portanto, estes aspectos sociais que podem ser revelado nos nomes de pessoas “estão ligados aos motivos que em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais do seu povo (Dick, 1992).

De acordo com Aloide (2021 apud Fustinoni, 2016);

O nome indiscutivelmente está ligado à ordem simbólica do sujeito, não só do sujeito, mas de seus familiares, já que, quando se nomeia uma criança com seu o nome, nome que carrega também um sobrenome, banhando-a na história imaginária da família, inserindo-a na continuidade de um filiação, somando-se as linhagens maternas e paternas. Assim, para o pequeno sujeito, seu nome e seu sobrenome não o inserem somente na ordem social, mas também na meada transgeracional, pois as coisas só tem

sentido porque são nomeadas e designadas para tal função, nomear algo implica dar sentido a algo.

Nesta perspectiva, é possível dizer que o nome próprio permite conhecer a cultura de um povo, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade. Segundo Aloide (2021), estudar o nome próprio de pessoas ajuda compreender melhor a situação histórica e social de existência dos membros de um grupo pois, o nome próprio de pessoas expressa "a existência da intersubjetividade e do inconsciente". Ele é mensagem e mensageiro de mitos que são transmitidos de geração em geração.

É fato, todos temos interesse em conhecer e falar sobre o nome do outro. Não é atoa que nos estudos linguísticos, os nomes próprios de pessoas, os antropônimos, são questionados a vários séculos. Porém, a preocupação é antiga, mas, as pesquisas específicas em seus aspectos exclusivos, são recentes. Desse modo, os estudos da Antroponomástica, subárea da Onomástica, que investiga os nomes próprios de pessoas, são ao mesmo tempo antigos e novos.

Segundo Dick (1992), Leite de Vasconcellos foi o primeiro a se preocupar em estudar os antropônimos em Portugal, com o objetivo de designar os estudos dos nomes individuais com o dos sobrenomes e apelidos. Segundo esse mesmo autor, no Brasil, um dos primeiros linguistas a se dedicar aos antropônimos, foi o professor Mansur Rosário Farâni Guérios, da Universidade Federal do Paraná, cujo dicionário etimológico de nomes e sobrenomes é usado, ainda hoje, por vários pesquisadores da área.

De acordo com Amaral e Seide (2020), a virada do século XIX para o século XX presenciou um aumento geral na investigação de nomes próprios em todo o mundo. Pesquisadores passam a considerar a nomeação em seus estudos, aspectos gramaticais, sociais, discursivos entre outros. Que podem ser descritos do ponto de vista fonético, ortográfico, morfológico, sintático, semântico ou pragmático. Contudo, o componente mais importante para a delimitação e diferenciação entre substantivos comuns e substantivos próprios é o pragmático.

Pelo viés pragmático, importa descrever como são usados os antropônimos e para qual finalidade: os antropônimos são usados para chamar a atenção de uma pessoa com a qual se quer falar (falar a alguém), para se referir a uma pessoa no

curso de uma conversa (falar de alguém) e também para inscrever o ser humano na ordem jurídica (no caso do registros de recém-nascidos em cartório) ou no âmbito religioso (por batismo e/ou conversão) ou, ainda, colaborar no processo de criação de personagens fictícios.

Há diferentes tipos de antropônimos os quais constituem uma classe bem heterogênea, pois abrange tipos bem diferentes de nomes. Geralmente, as pessoas se reconhecem através de dois ou três antropônimos que podem ser, o nome de batismo, o sobrenome e também um apelido. Assim sendo, a função principal dessas nomeações é diferenciar as pessoas entre si, ou seja, é considerado nome a partir do momento que individualiza e designa um indivíduo. Dentre todas as possibilidades para nomear uma pessoa, interessa aos propósitos desta pesquisa, “os apelidos”.

No português brasileiro, esse antropônimo faz parte da categoria dos nomes não oficiais, em muitos casos ele age como substituto do nome de batismo. Convém ressaltar, que o apelido deriva de relações sociais que o indivíduo tem no ambiente familiar, no meio artístico, no âmbito profissional entre outros, não havendo nenhuma relação formal entre o prenome e o apelido. A origem comum e o significado original permanecem por mais tempo, se bem possa ocorrer, ainda que em menor grau, o processo de opacificação pelo qual o significado de uma palavra deixa de ser percebido pelos falantes ou deixa de ser pertinente. Segundo Seide (2021), esta possibilidade pode ser exemplificada pela seguinte análise do apelido flamengo Suske de Verver (Francis o Pintor) por Van Langendonck: caso a pessoa que recebeu este apelido não tenha mais o ofício de pintor, isto em nada diminui a função de nome próprio desse apelido, haja vista que o ex-pintor continuará a ser chamado por seu apelido.

Portanto, faz parte do conhecimento onomástico do falante o conhecimento sobre as características linguísticas dos nomes próprios em sua língua materna e sobre como eles são usados na comunidade linguística à qual ele pertence, em que inclui as crenças e atitudes. Com relação a como os nomes próprios são usados, no que respeita os antropônimos, este conhecimento inclui, necessariamente, as maneiras como eles são atribuídos tanto na comunidade à qual o falante pertence, quanto no país onde ele mora ou reside e, opcionalmente, por quais motivos e por quem as pessoas são nomeadas.

O nome próprio é aquele que representa a pessoa da forma que ela se identifica e deseja apresentar-se perante a sociedade;

Por um lado, se o nome é uma marca de individualização, de identificação do indivíduo que é nomeado, ele marca também sua pertinência a uma classe predeterminada (família, classe social, clã, meio cultural, nacionalidade etc), sua inclusão em um grupo. O nome próprio é a marca linguística pela qual o grupo toma posse do indivíduo, e esse fenômeno é geralmente assinalado por ritos, cerimônias de aquisição ou mudança de nome. A denominação é também a dominação do indivíduo nomeado pelo grupo (Machado, 2013).

Como verdadeiro signo linguístico, o nome próprio passa a ser compreendido como portador de significado por si só. Assim, carrega em si mesmo diversas conclusões e expectativas acerca do sujeito, dependendo do significado social que lhe foi atribuído no decorrer da história, por determinado grupo. Assim, é possível compreender o papel linguístico e social de um nome próprio como uma entidade gráfica e sonora capaz de individualizar a pessoa dentro do grupo a que pertence, que a denomina e ao mesmo tempo a domina.

Diante dessas considerações, compreende-se a relação do nome com o seu portador, e sua dimensão linguística, cultural, social e histórica. Desse modo, percebemos que a antroponímia não se estagna apenas a conhecer os nomes, sobrenomes e apelidos próprios de pessoas, mas procura conhecer outros fatores que ligam a escolha dos designativos.

## **5 A CAPOEIRA**

A capoeira surgiu no Brasil no século XVII, período em que as terras brasileiras estavam sendo ocupadas pela coroa portuguesa e simultaneamente ocorria o tráfico negreiro. Foi criada pela família Banto, família esta que veio da costa de Angola trazendo consigo as estruturas das manifestações africanas, em que aqui no Brasil, passa por um processo de aculturação em prol da liberdade humana da raça negra escravizada pelos dominantes da época. Diante do exposto, pode-se compreender que a capoeira é uma luta genuinamente brasileira, sendo assim, reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade em 2014 pela UNESCO.

Durante o processo de colonização, milhares de negros africanos foram trazidos a força para o Brasil para trabalhar na agricultura, mineração ou serviços domésticos, trabalhos estes sem remuneração. Homens e mulheres eram obrigados a executar variadas atividades sem receber nenhuma recompensa pelo esforço, ou seja, eram escravizados.

Os portugueses tentaram descaracterizar culturalmente o negro de todas as formas, evitou agrupar negros de mesma etnia, que conseqüentemente evitava a comunicação e o fortalecimento do grupo diante dos traficantes e dos senhores de engenho, como afirma Fontoura e Guimarães (2002);

Quando aqui chegavam eram separados para que um senhor não ficasse com negros que falassem o mesmo dialeto, a fim de evitar que se comunicassem e armassem rebeliões ( Fontoura; Guimarães, 2002).

A relação entre os senhores e os negros escravos era de propriedade, decorrente do pagamento por sua aquisição. Os senhores julgavam-se no direito de exigir dos negros os mais duros trabalhos.

trabalhando num regime de sol a sol, comandados pelos chicotes dos feitores, eles derrubavam as matas, preparavam a terra, plantavam a cana e produziam, com o amargor do seu sofrimento, o açúcar, doce riqueza dos seus senhores ( Areias, 1996).

Diante de tal situação, a Capoeira surgiu entre o meio de negros africanos por uma necessidade de defesa, surge como um instrumento de combate e resistência.

Consoante Areias (1983);

como os escravos africanos não possuíam armas para se defender dos inimigos, - os feitores, os senhores de engenho -, movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriram em si mesmos a sua arma, a arte de bater com o corpo, à semelhança das brigas dos animais, suas marradas, coices, saltos e botes. Aproveitaram ainda suas manifestações culturais trazidas da África, suas danças, cantigas e movimentos.

Segundo Abreu (2007), o nome capoeira deu-se pela seguinte motivação: os

escravos na tentativa de se libertar de tanto sofrimento fugiam para as matas, mas, tinham nos seus encalços os capitães do mato enviados pelos senhores de engenho, então, os negros escravizados reagiam e os atacavam nas clareiras de mato ralo, cujo nome é capoeira. Os capitães que sobreviviam ao ataque, ao voltar respondiam à pergunta do patrão: cadê os negros? eles nos pegaram na capoeira.

Os senhores de engenho com o sentimento de ameaça, proibia qualquer tipo de luta praticada pelos negros. Porém, os negros mesmo sendo fiscalizados e punidos pelos Jagunços por qualquer comportamento inadequado foram estrategista, desenvolveram os movimentos da capoeira disfarçadamente, através das músicas e das danças africanas. De acordo com Abreu (2007), a capoeira praticada na mata era uma luta mortal, já praticada nas fazendas, nas vistas dos senhores e capitães era uma brincadeira inofensiva, uma simples dança.

Essa estratégia foi fundamental para sobrevivência e resistência dos negros escravizados. Os negros que tentavam fugir das fazendas e eram capturados, sofriam penalidades desumanas. Assim, praticar a capoeira era necessário para que se mantivessem ativos e treinados para uma proteção futura. Logo, a prática disfarçada, permitia o condicionamento físico e o desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, Silva (2003), afirma que como os negros escravizados não possuíam armas suficientes para fazer frente à opressão de feitores e capitães do mato, eles utilizavam os movimentos da futura luta como recursos instintivos e naturais de preservação da vida por intermédio do próprio corpo.

### **5.1 Apelidos na capoeira**

Um antropônimo pode ser definido como um elemento lexical que em determinado contexto nomeia ou referencia um indivíduo no mundo real ou imaginário. Nesse sentido, antropônimos são denominações atribuídas às pessoas dentro de uma sociedade para distinguir umas das outras identificando-as. Na categoria dos antropônimos estão os nomes próprios de pessoas, os sobrenomes, os apelidos, os hipocorísticos, os pseudônimos entre outros, que refletem a cultura e o modo de categorização própria de uma determinada sociedade.

Todavia, na capoeira essa prática de denominação contradiz a teoria supracitada. O apelido ou a mudança de nome foi criada justamente para esconder a verdadeira identidade do cidadão praticante, pois, por muito tempo a capoeira foi



vista como crime no Brasil. No período da escravidão ela ameaça os senhores de engenho, que tinham medo das rebeliões que poderiam acontecer através das práticas dos negros africanos, que enfrentavam os seus adversários com coragem, força e objetividade. Surgida a capoeira e fazendo parte de suas vidas, os negros a praticavam tanto nas fazendas quanto nos terreiros. No entanto, de acordo com Fontoura e Guimarães (2002 apud Mello, 1996);

Essa prática se dava de maneira clandestina, pois, uma vez que ela era utilizada como arma de luta, os senhores-de-engenho passaram a coibi-la veementemente, submetendo a terríveis torturas todos aqueles que a praticassem. O berimbau, que servia para dar ritmo, também servia para anunciar a chegada de um feitor, ou seja, a hora de transformar a luta em dança.

De acordo com Santos (1990), com o passar dos tempos, os nossos colonizadores perceberam o poder fatal da capoeira, proibindo esta e rotulando-a de “arte negra”. Assim sendo, a qualquer sinal de rebeldia os negros eram punidos, e depois de chicoteados, recebiam coquetel de sal, limão e urina nas feridas

Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel (1846-1921), sancionou a Lei Áurea, decretando a abolição a todos os negros escravizados em território brasileiro. No entanto, mesmo após a abolição, a prática da capoeira continuava proibida, visto que, não houve um suporte que garantisse moradia e alimentação aos negros, o jogo de capoeira passou a ser um recurso para a sobrevivência. Por consequência, lutadores de capoeira colocaram-se a serviço dos mais variados interesses, exclusivamente políticos. Os poderosos passaram a fazer usos dos capoeiristas como instrumentos para assassinatos, agressões e outros crimes que os beneficiavam.

Em 1888 foi abolida a escravidão e muitos escravos foram largados nas ruas sem emprego e a capoeira foi um dos meios utilizados para a sobrevivência deles ( Santos; Barros, 2001).

Durante o governo do marechal Deodoro da Fonseca, foi criado o código penal de 1890, que proibia a prática da capoeira no Brasil, ela era vista como uma prática subversiva e violenta. O código reforçava decretos com punições severas

aos capoeiristas, e aumentava consideravelmente as perseguições dos policiais, que queriam a todo custo capturar o praticante.

#### Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

(Legislação brasileira, decreto número 847, de 11 de outubro de 1890).

Diante de tal situação, o ato de nomear o capoeirista surgiu durante esse período histórico, em que a capoeira era considerada ilegal. Desse modo, os praticantes da capoeira utilizavam apelidos como forma de ocultar a identificação e assim, evitar problemas com a polícia, que na época fez a maior perseguição da história da capoeira, a condenação era automática e a punição imediata, bastava só a informação que o cidadão era capoeira, conforme relato do mestre Pastinha publicado por Alves e Gorito (2020);

Convidado a tomar conta de uma casa de jogo. Ao chegar ao recinto, o dono da casa olhou para ele e perguntou seu nome, ele respondeu, eu me chamo Vicente Ferreira Pastinha. O proprietário era um policial no qual sabia das ocorrências de agressão naquela localidade partidas de um tal de Pastinha. Nesse momento pensei: pronto estou preso.

Sem dúvida, muitos dos praticantes da capoeira não sabiam de fato o verdadeiro nome um dos outros, e quem sabia não falava nem debaixo de tortura, o apelido era a maneira de resguardar o próprio indivíduo intitulado e a sua cultura. Assim, o desconhecimento do nome oficial do capoeirista, dava a eles uma certa segurança e liberdade de expressão.

Segundo Couto (1999), a capoeira permaneceu proibida no Brasil até o ano de 1930. A partir desse período, um famoso capoeirista nomeado Mestre Bimba apresentou a capoeira para o então presidente da república Getúlio Vargas, que ficou admirado com a arte, a ponto de declarar o livre acesso ao esporte. A autorização oficial aconteceu em 1937. Em decorrência dessa trajetória, mesmo depois da capoeira sair do código penal, a maior parte dos capoeiristas mantém a tradição dos apelidos como forma de lembrar, de ancestralidade e de pertencimento de um momento histórico do Brasil.

## 5.2 Conhecendo os apelidos dos capoeiristas de Palmas Tocantins

Quadro 1: exemplos de apelidos na capoeira

Gigante	Curió	Asa Delta
Buda	Cego	Cobra
Diamante	Aruandê	Baiano
Pernambuco	Cochilo	Carioca
Sucuri	Índio	Jacarandá
Saci	Escorpião	Zap
Do sol	Shampoo	Shel
Girassol	Andorinha	Zumbi

Pestana	Bulldog	Falcão
Guará	Dino	Matoso

Fonte: Silva (2023).

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. Entendemos, como metodologia, o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Por pesquisa, de acordo com Gil (2002), entende-se como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas às inquietações dos pesquisadores.

Esta pesquisa é de natureza aplicada, logo, segundo Gil (2010), estudos dessa natureza são elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores convivem. Nesta perspectiva, o objetivo é apresentar para a sociedade, conhecimentos que envolvem as nomeações dos praticantes da capoeira.

Além disso, esta pesquisa tem sua classificação descritiva e exploratória. Segundo Gil (2002), “a pesquisa descritiva tem por objetivo estudar as características de um grupo”, e a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Desse modo, o estudo foi baseado em referências que já existem sobre a temática, o que possibilitou desenvolver um conhecimento que seja possível de aplicação prática, logo, proporcionou maior familiaridade com o problema em questão.

Quanto à abordagem da pesquisa, ela é de natureza qualitativa. A escolha se deu pelo fato que, de acordo com Minayo (2002), esse tipo de pesquisa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, assim, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Nesta perspectiva, o objetivo do estudo é compreender as motivações para as nomeações dos indivíduos, especificamente, os praticantes da capoeira, bem como responder às questões particulares de cada participante a partir de uma análise valorativa.

Com relação aos procedimentos técnicos, foi realizada pesquisa de campo, já que a proposta é estudar uma comunidade em sua estrutura social. Tendo em vista que este método é favorável, pois, ao desenvolver a pesquisa no mesmo local em

que ocorrem os fenômenos e ao utilizar técnicas de observação, os resultados costumam ser mais confiáveis. O corpus desta pesquisa foi composto por pessoas que praticam capoeira no município de Palmas, no Tocantins.

A unidade de análise deste estudo foi o antropônimo apelido, tradicionalmente estabelecido dentro da comunidade capoeirista. Assim sendo, fomos em busca de respostas para as nossas inquietações iniciais, através de entrevistas individuais e abertas (de acordo com o modelo apresentado no anexo 2, desta pesquisa), com a ideia de obter dados avançados e qualitativos. Segundo Bertucci (2009), a entrevista constitui um dos mais úteis instrumentos de coleta de dados na área de ciências sociais. Desse modo, as perguntas para as entrevistas foram pensadas e elaboradas da mesma maneira para todos os entrevistados, porém, dando liberdade para que o entrevistado demonstrasse todo seu conhecimento a respeito da temática.

## **7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Esta seção apresenta os resultados provenientes da pesquisa qualitativa. Serão apresentados aqui, dados coletados a partir das entrevistas realizadas com mestres de capoeira. Procura-se entender os motivos e comportamentos mais profundos do fenômeno estudado, o apelido.

A análise dos resultados das entrevistas, que compõem a parte qualitativa da pesquisa, conforme mencionada no capítulo sobre a metodologia, foram aferidas mediante a Teoria Social Cognitiva (TSC), de Albert Bandura. A TSC é uma das mais influentes teorias que trata da personalidade humana. Um dos pilares dessa teoria é o conceito de agência humana, que é definido como a capacidade das pessoas de influenciarem ativa e intencionalmente o próprio comportamento e o curso da própria vida.

Bandura, lista quatro características fundamentais da agência humana: intencionalidade, as pessoas podem se comportar intencionalmente; antecipação, os seres humanos são capazes de imaginar e criar expectativas sobre eventos futuros; autorreatividade, a agência não se limita a fazer escolhas e determinar cursos de ação, mas também envolve a capacidade de colocar esses cursos de ação em prática e regular os desempenhos obtidos; autorreflexão, as pessoas também podem analisar a própria conduta. Assim, uma das características básicas da

agência humana é a capacidade de examinar e avaliar os próprios pensamentos e comportamentos.

### **7.1 A motivação do apelido na capoeira**

Assim como foi mencionado no decorrer desta pesquisa, a língua é um sistema linguístico que serve para a comunicação das ideias, visto isso, a maior parte dos signos são considerados motivados e convencionalizados. Nesta perspectiva, o signo linguístico é uma associação de duas imagens mentais, a forma significante ou nome, e o significado ou sentido. É nesse processo associativo que os indivíduos atribuem nomes às coisas.

De acordo com Guiraud (1980), cada nomeação acontece a partir de motivações distintas e de diferentes correntes de pensamento, que podem esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social de um povo. Pode-se observar essas motivações no discurso do entrevistado. *“A prática da nomeação se deu por uma necessidade. O ato de nomear o capoeirista teve início no período da escravidão no Brasil. Nessa época, a prática da capoeira era proibida, então, os praticantes utilizavam apelidos como forma de ocultar a identificação e assim, evitar problemas com as autoridades”* ( Mestre Curió ). Percebe-se então, que pelo estudo dos nomes próprios, podem ser explicados muitos aspectos relacionados à história e a cultura de determinado grupo. Portanto, é importante conhecer o contexto, para possibilitar o entendimento mútuo e a construção de cidadãos mais harmoniosos.

A nomeação é um dos pontos centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. O ato de nomear possui um papel bastante relevante no processo de significação, pois os significados dos nomes organizam e classificam as formas de o indivíduo perceber a realidade, além de estarem ligados diretamente com uma cultura ou comunidade. Na capoeira, *“o apelido tem a função de iniciar, de começar a construir uma identidade da pessoa dentro de um novo ciclo social. A nomeação serve para diferenciar e inserir o indivíduo dentro de um ambiente capoeirístico que ele passa a conviver e a partir de então, criar sua própria identidade”* ( Mestre Cego ). É assim que diferentes grupos organizam e classificam as formas de seus integrantes perceberem o mundo. Construir uma identidade dentro de um grupo social é um processo complexo, em que envolve a interação

entre a pessoa e o ambiente. *“O apelido é uma tradição do Brasil. É muito comum as pessoas terem outra nomeação além do nome de registro. Pode ser um apelido carinhoso entre casais, amigos, e na capoeira essa prática acontece naturalmente”* ( Mestre Asa Delta ).

Segundo Dias (2018), existem duas teorias principais que lidam com a questão dos significados dos nomes: a da referência e a descritiva. Na teoria referencial o nome não tem nenhum valor semântico, já na teoria descritiva, a relação entre o nome e a coisa denominada é realizado por intermédio do sentido.

Além disso, os signos linguísticos também podem ser arbitrários ou motivados. O signo arbitrário está diretamente ligado à convenção, ocorre quando não existe uma relação entre o significante e o significado, e motivado é a contradição do arbitrário. A essência do signo linguístico é convencionalizado, dessa forma, não existe qualquer relação entre o nome e a coisa denominada, mas, a maior parte das palavras que empregamos no ato da nomeação são efetivamente motivadas, característica fundamental para criação de novos signos. Com relação ao signo linguístico e seu significado, o entrevistado pontua, *“é muito interessante o apelido na capoeira. Ele pode ser recebido pelo significado literal, o seu sentido de base, como também pode ser ressignificado. O cego pode ser aquele que não enxerga, como também pode ser utilizado de forma contrária. O Cego, pode ser aquele que enxerga mais que os outros, que tem uma visão ampliada sobre tudo, ao seu redor”* ( Cego ).

Nesse caso, percebe-se que o apelido foi atribuído ao praticante devido a uma dificuldade que ele tem para enxergar, ou seja, foi motivado a partir da teoria descritiva. É incomum empregar um nome a um indivíduo sem pensar que esse nome diga alguma coisa sobre o intitulado, o nome evoca o sentido e o sentido evoca o nome. Porém, na comunicação a convenção nunca é explícita, ou seja, o sentido da palavra fica inserido na situação que faz com que o interlocutor possa reconhecê-lo e interpretá-lo. Na capoeira o apelido tem uma característica peculiar, a de ressignificar o nome, assim, seu significado pode ser construído pelo próprio intitulado a partir de sua interpretação. Nesse sentido, o apelido “Cego” é arbitrário, e seu sentido foi convencionalizado.

Teoricamente, na comunicação existe um único nome para cada sentido e um único sentido para cada nome, a depender do contexto de cada indivíduo. Assim, todo signo linguístico tem um sentido de base e um sentido contextual, como

também, toda criação verbal é motivada, pode ser por associações extra convencionais, associação natural ou associações internas, onde ocorre o deslizamento natural do sentido. Essa mudança de sentido do signo linguístico é percebida no apelido do entrevistado; *“no batizado, eu estava jogando e recebi um golpe que me empurrou para trás com os braços abertos. Então as pessoas falaram, voou igual uma asa delta, neste fato que o apelido surgiu”* (Asa Delta).

Assim também, de acordo com Guiraud (1980), pela nomenclatura a língua assegura uma dupla função, a cognitiva e expressiva. A nomenclatura cognitiva faz associações por similaridade, algo é denominado porque ainda não tem um nome ou por haver a necessidade de atualizar suas características objetivas. Já a nomenclatura expressiva está relacionada à afetividade atribuída a uma coisa por outra pessoa, não se tratando só de identificar a coisa, mas de exprimir valores que revelem o sentido para a nomeação. *“Eu acho que o apelido veio porque eu era meio metido a cantador. Sabia várias músicas, na época tudo era mais difícil, o acesso era limitado. Eu me dedicava muito com relação aos toques e cânticos. Então, como curió é um pássaro aqui da nossa região, é um exímio cantador, eu acho que a ligação do meu apelido tem a ver com o cântico desse pássaro”* (Curió).

Percebe-se aqui no discurso desses dois últimos entrevistados, que para as nomeações serem atribuídas, primeiro acontece um processo psicológico. O movimento utilizado e a habilidade musical, evocou uma imagem mental no indivíduo denominador através de um processo associativo. Esse processo associativo, permite que a mudança de sentido aconteça. O apelido Asa Delta, reproduziu mentalmente no indivíduo denominador a imagem de uma coisa, uma espécie de aeronave. Que por conseguinte, tem este nome devido a uma semelhança com a letra grega delta, que tem forma de triângulo assim com a aeronave. Já o apelido Curió, teve sua motivação metafórica, isto é, devido a habilidade que o intitulado tem com a musicalidade. Habilidade essa, que também é característico do pássaro Curió. Logo, de acordo com Guiraud (1980), o signo é um estímulo associado a outro estímulo do qual ele evoca a imagem mental. Desse modo, a significação é um processo psíquico, todo estímulo deixa no organismo um vestígio memorial que qualquer novo estímulo idêntico ou associado ao primeiro pode fazer reaparecer.

Na capoeira os apelidos podem ser de teoria referencial e desempenhar a função descritiva, motivados ou arbitrários, e cognitivo ou expressivo. Nessa



perspectiva, remotamente os apelidos costumavam ser arbitrários, nomeava-se o praticante de forma aleatória sem uma análise prévia. Pode-se identificar a arbitrariedade no discurso do entrevistado; *“o mestre chegou e foi denominando apelido para todos os alunos que não tinham. Nós estávamos em uma sorveteria, a luz estava amarelada, ele olhou para mim e disse, Melão”* ( Mestre Leandro).

Na contemporaneidade, geralmente, os apelidos são motivados por cognição, isto é, por similaridade, a partir de característica física, de personalidade, de habilidade, de dificuldade, de lugar entre outros. *“Vale uma característica física, uma personalidade, vale o lugar em que a pessoa mora, e tudo mais”* ( Mestre Cego). De forma geral, a motivação é interna, que segundo Guiraud (1980), é a relação entre o antropônimo e outras palavras que já existem no sistema linguístico.

## **7.2 Valores expressivos e a dupla função da linguagem**

Toda palavra está diretamente ligada a um contexto, do qual os falantes tiram o seu sentido. Nesse sentido, a linguagem tem uma dupla função, assim, ao mesmo tempo ela é um instrumento da comunicação cognitiva é também meio de expressão. Serve para a comunicação de conceitos, evocando na mente do interlocutor as imagens que se formam em nossa própria mente.

Numa situação comunicacional faz-se uso de uma força emotiva subconsciente para comunicar os próprios pensamentos, com a finalidade de obter certas reações. Através de gestos, de mímicas, de inflexões de voz que a reforçam, exprime-se naturalmente as emoções, os desejos, as intenções. Segundo Guiraud (1980), a força emotiva subconsciente, consiste em formações expressivas, que evidencia a afetividade nas mudanças de sentido, confirmando assim, a funcionalidade da significação.

Segundo Azevedo (2021), antigamente o apelido era visto somente pelo viés da tradição, um costume popular. Entretanto, na contemporaneidade “as implicações são bem mais profundas, envolvem o sentimento particular de quem recebe, de como será visto daí por diante”. Pode-se observar o valor expressivo nos discursos dos entrevistados;

*“Meu apelido Cego, hoje, é uma identidade que eu carrego. Eu assino Rafael Cego. No meu trabalho tem pessoas que me chamam de Cego, e não só Rafael. Então já ultrapassou a questão da própria capoeira”* ( Mestre Cego).

*“Meu apelido é uma coisa que me identifica, quando eu recebi esse apelido foi uma sensação tão boa, uma coisa que não tem explicação. Numa linguagem simples, o apelido casou com quem foi dado. Eu me sinto bem com ele, uma grande parte da sociedade, inclusive, me conhece por Curió. E nem sei, se eu conseguiria viver hoje, sem esse apelido” ( Mestre Curió ).*

*“Ele representa identidade. É a forma como fui conhecido na capoeira. Então, eu acho que o apelido ele é nossa identidade civil e muitas vezes, a nossa identidade no serviço, no dia a dia. Muitas vezes as pessoas conhecem o Asa Delta e não conhecem o Leonardo, e não existem duas identidades, o cidadão civil e o capoeirista representa a mesma pessoa, não existe um sem o outro” ( Mestre Asa Delta ).*

Em cada coletividade há temas privilegiados, esferas de pensamento que se ligam ao meio, à atividade, às circunstâncias, e que estão sempre presentes nos bastidores da consciência coletiva. Nesse sentido, o apelido na capoeira é um tema privilegiado entre as pessoas que convivem no mesmo meio social, compactuando do mesmo sentimento, como também é expandido para outros ambientes sociais, onde verifica-se a força emotiva do intitulado. A finalidade é realmente consolidar o apelido como nome próprio, logo, por muitas vezes acaba sendo usado com mais frequência do que o nome civil. Assim sendo, não há separação ou momento apropriado, o nome civil e o apelido adquirido na capoeira representa e identifica a mesma pessoa. Portanto, a consciência coletiva é isso, ela constitui-se em um conjunto de crenças e sentimentos comuns de membros de uma mesma comunidade.

O nome próprio é aquele que representa a pessoa da forma que ela se identifica e deseja apresentar-se perante a sociedade. Porém, o nome próprio pode influenciar a forma como uma pessoa é percebida na sociedade. Certos nomes podem ter associações culturais ou estereótipos que afetam a maneira como as pessoas interagem umas com as outras. O valor do nome próprio é subjetivo e pode ser moldado por uma variedade de fatores pessoais e culturais. No ambiente social da capoeira, a escolha do nome pode ditar a permanência ou não do indivíduo nesse ambiente social. Quando o intitulado não se identifica com a nomeação gera

situações desagradáveis. *“Teve pessoas que já saíram da capoeira, quando receberam apelido, não voltava mais”*( Mestre melão ).

O entrevistado ainda acrescenta;

*“Eu não utilizo o apelido, porque, todas as vezes que alguém me perguntava, há, porque Melão. Eu tinha que justificar. Inclusive, cheguei a inventar história para poder tentar justificar o porquê do apelido. Isso é chato”*.

Também pode-se identificar o efeito que a escolha do nome pode causar no indivíduo a partir do discurso do Mestre Cego.

*“Por isso, estamos vendo hoje uma demanda muito grande de pessoas que estão abolindo o seu próprio apelido da capoeira. Porque depois de muitos anos de capoeira e a pessoa parou para refletir que aquilo não tem nada a ver com ela. Que aquilo não ela, que ela não se identifica com aquilo, e durante muitos anos ela acabou carregando isso consigo, talvez, de uma forma até negativa. Porque, se ela abandonou um nome, é porque durante muitos anos ela passou magoada, refletindo. Muitas vezes pode até chegar a pensar em parar com a capoeira devido ao apelido que ela recebeu”*.

Portanto, sabe-se que o nome próprio pode influenciar a forma como uma pessoa é percebida na sociedade, e que também pode ser um meio de pertencimento a uma comunidade, são importantes algumas medidas para evitar situações como as citadas acima. Sobre esse ponto os entrevistados se posicionam;

*“Temos o cuidado de colocar o apelido para que ele não venha ser algo pejorativo. Um nome em que o aluno possa sofrer bullying na rua, na escola e até mesmo no trabalho. Procuramos colocar um apelido que motive o aluno, que ele se sinta bem ao se apresentar no trabalho em qualquer lugar”* ( Mestre Curió ).

*“O apelido na capoeira, deve estar relacionado a alguma característica do capoeirista, por um fato, por um acontecimento. Do mesmo modo, deve ser atribuído por alguém que conheça a pessoa que receberá o nome, que conheça bem suas características para que a nomeação não venha denegrir a imagem da pessoa”* ( Mestre Leandro ).

*“Hoje em dia eu converso com os pais antes de colocar o apelido. Busco saber se o aluno já possui algum apelido, para ver se conseguimos encaixar também na capoeira. É preciso ter uma responsabilidade para com o apelido, para*

*não fazemos algo que diminua a pessoa, que a deixe estereotipada de alguma forma específica. O apelido tem que ser um nome que a alegre, que faça com que se sintam bem e comece a construir a sua identidade a partir de então” ( Mestre Cego).*

A questão do apelido é bastante significativa para o praticante da capoeira. Ele ajuda a construir uma identidade única e a fortalecer os laços com a comunidade de capoeira. Além disso, o apelido é considerado algo pessoal e valioso, representa a conexão do indivíduo com diferentes ambientes sociais que se insere. É perceptível ao analisar os discursos dos entrevistados que o apelido na capoeira vai muito além de uma tradição. A prática da nomeação é um meio de construir uma identidade, assim como também, uma forma de reconhecimento por suas habilidades, astúcia ou estilo único. É preciso que o intitulado saiba e entenda o motivo pelo qual tal nomeação foi lhe atribuída, porque o nome influencia intimamente na construção da identidade do ser enquanto social.

Portanto, o apelido é uma maneira de dar continuidade a um legado histórico da capoeira, e que fomenta a positividade nos signos, ressignificando seu sentido de base e renovando conceitos, contribuindo para a construção da identidade e de pertencimento do indivíduo nesse ambiente social. Os resultados indicam que a capoeira transcende as fronteiras geográficas, e é uma expressão dinâmica que se adapta a diferentes contextos. Além disso, demonstra como a capoeira não apenas preserva tradições, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e ativos socialmente.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a motivação e significação da nomeação utilizada pelos praticantes da arte capoeira dentro e fora da sua comunidade, a fim de valorizar a cultura, bem como entender as várias formas de manifestação linguística. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa pode-se perceber que o objetivo geral foi alcançado.

O presente estudo almejou, por meio de uma pesquisa qualitativa, bem como um rigoroso estudo em livros de autores de renome dentro dessa comunidade e da linguística, compreender as necessidades que motivaram as denominações.

Em relação aos principais resultados sobre o apelido na capoeira,

destacam-se a importância da nomeação para a construção da identidade do praticante. Logo, as denominações atribuídas às pessoas dentro de uma sociedade são formas de distinguir umas das outras, e de inseri-las em um ambiente que até então não pertencia. O apelido tem sua importância tão quanto o nome civil, sendo expandido para outros ambientes fora da capoeira. Esses antropônimos juntos representam uma só pessoa, ou seja, em nenhum momento há uma separação classificatória para utilizar um ou outro nome. Isso cria uma identidade única do indivíduo em qualquer ambiente social que conviva.

Além disso, é característico do apelido na capoeira, ressignificar o sentido de base dos signos linguísticos. Essa mudança de sentido é construída pelo próprio intitulado e, muitas das vezes, é a contradição do sentido literal. O sistema de denominação de pessoas está diretamente relacionado com a história e a cultura de uma determinada sociedade, que organiza e classifica as formas de seus integrantes perceberem o mundo. A pesquisa também nos permite refletir sobre a inteligência do ser humano no processo de nomeação e significação dos termos, logo, a depender do contexto ele classifica e ressignifica seu sentido de base.

Os resultados aqui apresentados oferecem evidências de como se dá o processo de nomeação de pessoas em um determinado grupo. Como contribuição social, o estudo e conseqüentemente seus resultados, possibilita o conhecimento e a compreensão das diversas formas de manifestação linguística e cultural de um povo.

Referente às contribuições práticas, esta pesquisa auxiliará nas tomadas de decisão de pessoas que não pertencem à comunidade capoeirística, que em algum momento pode ter relacionado o ato da nomeação que acontece na iniciação do praticante à religião, assim, este estudo também é uma forma de combate ao “pré-conceito”. Portanto, a capoeira contribui para a promoção da igualdade e do respeito à diversidade, fator importantíssimo para um convívio social.

Logicamente, esta pesquisa não abarca tudo sobre esse fenômeno estudado. Nesse sentido, no que tange às limitações para a realização desta pesquisa, destaca-se os prazos apertados para a conclusão do estudo que impossibilitaram a participação de mais capoeiristas. Sugere-se, portanto, que para investigações futuras sejam utilizadas amostras maiores, permitindo assim, que um maior número de capoeiristas esboce seus valores expressivos, contribuindo assim, para um entendimento mais profundo do apelido na capoeira e o seu potencial transformador.

Em resumo, a Capoeira desempenha um papel multifacetado na sociedade brasileira, promovendo a cultura, a inclusão social, o desenvolvimento pessoal e a resistência contra a discriminação. Essa forma de expressão é um exemplo valioso de como as tradições culturais podem desempenhar um papel crucial na construção de sociedades mais ricas e diversas.

## 9 REFERÊNCIAS

ABREU, Marlene Aparecida. **A capoeira da escola: uma abordagem crítica acerca da cultura afro-brasileira**. Minas Gerais: Trabalho escolar, 2007.

AGUIAR, Maria Sueli; CASTRO, Maria Celia; DIAS, Ana Lourdes. **Onomástica e a identidade do homem**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018.

ALOIDE, Ivo. Língua e Identidade Cultural: **Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau**. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde, BA. 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/560/389>. Acesso em: 10 out, 2023.

ALVES, Marcelo paraiso; GORITO, Alex dos Santos. **Escola Pública e Projeto Social: o cotidiano das aulas de capoeira**. Ed. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Positivo/Downloads/brunomarcelino,+Escola+P%C3%BAblica+e+Projeto+Social.+o+cotidiano+das+aulas+de+Capoeira.pdf>. Acesso em: 08 de abr, 2023.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoas: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=MTHrDwAAQBAJ&lpg=PP1&ots=N\\_CbbI5IZq&dq=o%20que%20%C3%A9%20representatividade%20dos%20nomes%20de%20pessoas&hl=pt-BR&pg=PA5#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=MTHrDwAAQBAJ&lpg=PP1&ots=N_CbbI5IZq&dq=o%20que%20%C3%A9%20representatividade%20dos%20nomes%20de%20pessoas&hl=pt-BR&pg=PA5#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 20 set, 2023.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

AREIAS, Almir. **O que é capoeira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

AREIAS, Anande. **O que é capoeira**. 4. ed. São Paulo: Ed. da Tribo, 1983.

AZEVEDO, Cincinato Palmas. **Apelidos na Capoeira**. Portal da capoeira, 2021. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/curiosidades/apelidos-na-capoeira/>. Acesso em: 07 de abr, 2023.

BANDURA, Albert. **A evolução da teoria social cognitiva**. 2005. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39183134/Cap\\_01\\_-\\_Bandura-Teoria\\_Social\\_Cognitiva-libre.pdf?1444842200=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCap\\_01\\_Bandura\\_Teoria\\_Social\\_Cognitiva.pdf&Expires=1701911572&Signature=UNUzEVFK5HC1ggJpOQXgIP5PA5~JOy9yjOSBYiQUkPqSr4liqIPKGoLBYrQ0lv-vrV4OJPger8uCE5WX8scsqWtcYF1qOGBv5yHIFDGKnVkDBJEliELXIftUO1GnJwunITiwCDx6eO~Cx2mjDor8AY66Alfh2z2yJR5mZ2FhiVF24hLvo8kacKLM9DMJ28TcB4c0LvW4ND4C7ZEBAJJoJ2NIU381nJHhf3am0w774iFEWb1NIK8W3u5n7zaX~TzbXLHQUvrU9I9OKFsyAwcC1VpLWEtdtYZK7GCdJXY8mK3mJ-rll2o~HLH7iSITvF4I8jeF6I82](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39183134/Cap_01_-_Bandura-Teoria_Social_Cognitiva-libre.pdf?1444842200=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCap_01_Bandura_Teoria_Social_Cognitiva.pdf&Expires=1701911572&Signature=UNUzEVFK5HC1ggJpOQXgIP5PA5~JOy9yjOSBYiQUkPqSr4liqIPKGoLBYrQ0lv-vrV4OJPger8uCE5WX8scsqWtcYF1qOGBv5yHIFDGKnVkDBJEliELXIftUO1GnJwunITiwCDx6eO~Cx2mjDor8AY66Alfh2z2yJR5mZ2FhiVF24hLvo8kacKLM9DMJ28TcB4c0LvW4ND4C7ZEBAJJoJ2NIU381nJHhf3am0w774iFEWb1NIK8W3u5n7zaX~TzbXLHQUvrU9I9OKFsyAwcC1VpLWEtdtYZK7GCdJXY8mK3mJ-rll2o~HLH7iSITvF4I8jeF6I82)

y5cBjbrmOhmvg\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 15 set, 2023.

BERTUCCI, Janete Lara Oliveira. **Metodologia Básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de cursos**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza. **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande: Ufms, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Dimensões da palavra**. 1998. Disponível em: [https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998\\_0.pdf](https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf). Acesso em: 10 out, 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília:

Senado Federal, 1988 - Decreto no 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 07 de abr, 2023.

CARVALHINHOS, Patrícia. **As origens dos nomes de pessoas**. Revista eletrônica, São Paulo. nº 1, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>. Acesso em: 20 ago, 2023.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. São Paulo: Contexto, 2013.

COUTO, Adyjolva. **Arte da capoeira: história e filosofia**. 1. ed. Bahia, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no brasil: coletânea de estudos**. São Paulo: Fflch-Usp, 1992. Acesso em: 23 out. 2023.

DORES, Marcus; CORDEIRO, Marielle. **Estudos do léxico: diferentes olhares e perspectivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra capital, 2022. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UqWtEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=Dores+e+Cordeiro+\(2022\),+as+palavras+constituem+testemunhos+que+marcam+uma+cultura+no+decorrer+de+sua+hist%C3%B3ria&ots=ZuvksDz8yk&sig=1-elKI4vta\\_\\_jfcZV-sS21p-IHM#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UqWtEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=Dores+e+Cordeiro+(2022),+as+palavras+constituem+testemunhos+que+marcam+uma+cultura+no+decorrer+de+sua+hist%C3%B3ria&ots=ZuvksDz8yk&sig=1-elKI4vta__jfcZV-sS21p-IHM#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 de set, 2023.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. **História da capoeira**. Maringá, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Positivo/Downloads/3712-Article%20Text-10401-1-10-20080604.pdf>. Acesso em: 10 set, 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOIS, Janete Mariano; DALPIAN, Laurindo. **Semântica: um estudo diacrônico**. **Disciplinarum Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, v. 11, n. 1, p. 1-22,



2010. Disponível em:  
<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/746/693>.  
Acesso em: 10 de abr, 2023.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Trad. Maria Eliza Mascarenhas. 3. ed. São Paulo - Rio de Janeiro, Difel, 1980.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza. **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. IX. ed. Campo Grande: Ufms, 2020.

LIMA, Mano. **Dicionário de capoeira**. 3. ed. Brasília: Conhecimento, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do Nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MATTOS, Regiane. **História e cultura afro-brasileira**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MINAYO, Maria Cecília Sousa. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Pires. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas: Mercado das Letras, 2001. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4551177/mod\\_resource/content/0/Pires%20de%20Oliveira.%20Semantica%20formal.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4551177/mod_resource/content/0/Pires%20de%20Oliveira.%20Semantica%20formal.pdf). Acesso em: 19 set, 2023.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ufms, 2001.

SANTOS, Leonardo José Mataruna; BARROS, Luciana de Oliveira. **O histórico da capoeira**: um curto passeio da origem aos tempos modernos. Revista digital, Buenos Aires, 1999. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd15/capoeir.htm>. Acesso em: 23 ago, 2023.

SANTOS, Luiz Silva. **Educação, Educação Física, capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

SEIDE, Márcia Sipavicius. **Prenomes cristãos**: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico. Belo Horizonte: Rev. Estud. Ling. v. 29, 2021. Disponível:  
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16765/pdf>. Acesso em: 10 set, 2023.

SILVA, Jean Adriano. **Importância da capoeira no desenvolvimento da cultura na educação infantil**. 2003. Monografia (Especialização em metodologia do ensino da educação infantil) - Universidade do estado da Bahia, Bahia, 2003. Disponível em: <http://portalda capoeira.com/wiki/>. Acesso em: 01 de out, 2023.

TRUJILLO, Albeiro Mejia. **Semântica, Pragmática e Tradução**. 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Positivo/Downloads/bertucci,+semanticaPragmatica%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Positivo/Downloads/bertucci,+semanticaPragmatica%20(1).pdf). Acesso em: 20 ago, 2023.

Quadro: SILVA, Elieci. 2023.

**ANEXOS****ANEXO 1**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS  
CAMPUS PALMAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Eu, Elieci Pereira da Silva, acadêmica do curso de Licenciatura em Letras do IFTO/Campus Palmas, orientada pela professora Dra. Soraia Cristina Blank, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada, **“APELIDOS NA CAPOEIRA: A REPRESENTATIVIDADE NAS NOMEAÇÕES DOS PRATICANTES DA CAPOEIRA DE PALMAS TOCANTINS”**, na qual necessito de sua autorização e disponibilidade para coleta de dados.

Informamos que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade do entrevistado. Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo e desenvolvimento desta pesquisa.

---

Assinatura do entrevistado

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do orientador

Palmas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

## ANEXO 2

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA PESQUISA QUALITATIVA

As perguntas são estabelecidas, porém, no decorrer da entrevista outras perguntas poderão ser formuladas para o aprofundamento de algum aspecto relevante.

#### CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA

1º BLOCO - Perguntas amplas
<p>1º Qual seu nome civil?</p> <p>2º Me conta, como você conheceu a capoeira?</p> <p>3º Agora me conta, como foi a sua iniciação na capoeira?</p> <p>4º Qual o seu apelido de capoeira?</p> <p>5º Me fala mais, quem lhe denominou este apelido, porque a escolha deste termo?</p>

2º BLOCO - Perguntas específicas ( fazer o entrevistado pensar)
<p>6º Como surgiu o ato de nomear o capoeirista?</p> <p>7º Qual a função do apelido na capoeira?</p> <p>8º Como o apelido era atribuído em tempos remotos e como é atribuído na contemporaneidade?</p>

3º BLOCO - Perguntas delicadas ( valor, sentimento)
<p>9º Qual o significado do apelido de capoeira para você?</p> <p>10º Qual o valor que você atribui à nomeação que lhe foi estabelecida?</p> <p>11º Me conta, você gosta do seu apelido?</p> <p>12º Me conta, já pensou em trocar de apelido ou simplesmente não utilizá-lo?</p> <p>13º Me conta também, como as pessoas leigas regem ao se deparar com seu apelido, algo lhe incomoda?</p>

4º BLOCO - Encerrar com cordialidade
<p>14º Gostaria de acrescentar algo que eu não tenha mencionado, mas que seja</p>

relevante para você?

15° Você tem interesse em receber a pesquisa finalizada?

### ANEXO 3

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevista 01

#### Qual o seu nome civil?

Luzigleidson Carneiro de Sousa.

#### Como você conheceu a capoeira?

Olha eu conheci a capoeira em meados da década de 90, para o fim, na cidade de Pium. Um rapaz, ainda bem jovem, alugou um salãozinho lá na época né e abriu uma academia né, uma academia de capoeira. E começou a fazer as aulas lá, e foi aonde eu tive o meu primeiro contato assim, com a capoeira. Eu fui o primeiro ou segundo aluno dele na escola né e anterior a isso eu tinha visto uma vez na Lagoa da Confusão, uma roda né no período, na temporada de praia né. E vários capoeiristas fizeram uma roda lá, e eu tava lá a passeio e vi, mais o contato de Treinamento foi nessa década, nessa época, nessa academia na cidade de Pium.

#### Qual o seu apelido na capoeira?

Meu apelido é Curió.

#### Quem te denominou este apelido, porque a escolha desse termo?

Olha esse apelido de Curió, quem me colocou foi o mestre Escorpião, né. A princípio, eu acho que o apelido veio mais porque na época eu era meio metido assim né, meio cantador. Eu sabia várias músicas assim de cor, então, pra nossa época né que eu tava na iniciação que tudo era mais difícil, pra gente acesso a algumas músicas, algumas coisas ainda era no tempo do tapezinho, da fita. E eu me dedicava muito né, a questão de toques e de cânticos né. Então, como curió é um pássaro aqui da nossa região, também do Cerrado, é um exímio cantador, não que eu seja né, mas eu acho que a ligação do meu apelido tem a ver com o cântico desse pássaro.

### **Como surgiu o ato de nomear o capoeirista?**

Nossos antepassados né, as pessoas que nos antecederam, nossos Mestres né, quem quem de fato iniciou a capoeira aqui em nosso país, o apelido ele se fazia necessário até porque a capoeira era proibida na época né. O apelido naquele tempo era para esconder a verdadeira identidade do capoeirista né.

Se chegasse na roda a polícia, e dissesse não o Luzigleidson tá jogando capoeira. todo mundo saberia quem era o Luzigleidson. Mas se dissesse o curió tá na roda, então, as autoridades não saberiam quem seria esse dito cujo né. Então, naquele tempo o apelido era considerado uma segunda identidade do capoeirista justo por essa questão.

### **Antigamente, em tempos remotos o apelido tinha essa funcionalidade, e hoje na contemporaneidade, na atualidade como esse apelido é atribuído, qual a função?**

Hoje, o apelido ele serve mas como uma questão motivacional, né. É claro que a capoeira não pode perder a sua identidade né, se às vezes deixar de usar o apelido, o apelido cair em desuso, a capoeira termina perdendo um pouco da sua essência, não.

E o apelido hoje inclusive dentro do nosso grupo nós temos o cuidado de colocar o apelido para que ele não venha ser uma coisa pejorativa né, uma coisa onde o aluno vá tá sofrendo bullying na rua, na escola e até mesmo no trabalho.

Então, essa é uma de nossas preocupações justamente com essa questão do apelido. A gente tenta colocar um apelido que motive o aluno, que ele se sinta bem né, ao se apresentar no trabalho, na escola, aonde quer que esteja, hoje a função do apelido é essa.

De algum tempo pra cá, algumas escolas tem optado em não usar mais o apelido, usar o próprio nome do capoeirista, né.

### **Qual o significado do apelido de capoeira para você ?**

Olha para mim, o meu apelido é uma coisa que me identifica, né. O meu nome não é um nome fácil de pronunciar, muitas pessoas também, não consegue falar né, esse nome ou às vezes fala, fala errado, fala Luiz Gleidson, enfim, mas não é assim, o nome é Luzigleidson.

E o apelido como eu disse, foi uma coisa que me identificou, quando eu recebi esse apelido parece que era uma coisa que não tem explicação né, numa linguagem simples, a gente diz que o apelido casou com quem foi dado né. E eu me sinto bem, né, e uma grande parte da sociedade, inclusive, me conhece como Curió né, agora mestre Curió. E pra mim, é uma coisa que eu acho que eu nem sei se eu conseguiria viver hoje sem esse apelido.

### **Você já pensou em trocar de apelido ou simplesmente não utilizá-lo?**

Na verdade, verdadeira, eu tinha um outro apelido e esse apelido eu não me sentia muito bem representado por ele. Quando eu iniciei na capoeira o meu apelido era Sombra, né, até hoje eu busco entender o porquê desse apelido, não foi me falado nada, porque disso. Eu não sei se era pela questão da minha cor, porque sou negro, né, ou se era porque eu vivia muito colado no professor, mais eu acho que isso não tem muito a ver.

Eu não me sentia bem com esse apelido e é tão tanto que quando eu migrei pra Palmas e fui treinar com o mestre Escorpião, já tinha uma sombra na escola dele, né, de capoeira. E aí houve a possibilidade de trocar o apelido de um dos dois Sombras, né. E eu de bate pronto, pedi para que o meu fosse trocado né, e trocou para Curió.

Na época assim, o mestre em dois tempos já colocou esse apelido e eu me senti muito bem com ele, até falei com ele: olha eu não troco mais de apelido, meu apelido é esse. Então, trocar o apelido de Curió, isso nem passa pela minha cabeça em hipótese alguma.

### **Algumas pessoas leigas, que não tem nenhum convívio com a comunidade capoeirística, às vezes não entendem essa questão dos apelidos. Como essas pessoas reagem ao se deparar com seu apelido, algo lhe incomoda?**

Hoje em dia já não me incomoda tanto, né. Mas em alguns momentos, justamente o apelido anterior, né, o que era Sombra, muitas pessoas questionavam o porquê desse apelido, se eu era a sombra de alguém, enfim, terminava incomodando. E como eu mencionei ainda há pouco, é uma das preocupações da nossa escola de capoeira, do nosso grupo de capoeira é ter o cuidado ao colocar o apelido no novo aluno, no aluno que tá entrando na academia, para que ele não passe por isso que eu passei, né. Às vezes você ficar dando explicação do porquê,

ou às vezes tem apelido que não tem nem explicação, né, o porquê do apelido, porque o apelido, ou a pessoa não tem nenhuma característica, né, que aproxime ele daquele apelido.

E hoje tudo evoluiu, né, e graças a Deus a sociedade também, as pessoas tão mais entendidas, as pessoas tão mais, buscaram mais conhecimento e esse tipo de comentário não tem tanto, é claro que quando se refere a um apelido, que é um apelido comum, quando é um apelido meio assim, digamos que meio distorcido, isso acaba por gerar alguns comentários, inclusive, entre nós capoeiristas, nós os mestres, alguns professores acabam questionando: porque que não colocou outro apelido no aluno. Porque o aluno quando alcançar uma maturidade maior dentro da capoeira ele mesmo vai pedir para trocar, para trocar o apelido. então hoje em dia já não tem tantos comentários em torno do meu apelido, graças a Deus.

**Gostaria de acrescentar algo que eu não tenha mencionado, mas seja relevante para você e para a capoeira?**

Eu queria agradecer a oportunidade, né, de tá participando, falando um pouco da nossa Cultura. Agradecer a oportunidade e dizer que busquem conhecer a capoeira, busquem estudar um pouco mais o universo da capoeira, porque ela vai muito além do que foi mencionado aqui, né.

Que as pessoas buscassem entender o contexto histórico da nossa cultura, da nossa arte, né, e que dêem valor a isso. Não deixar os europeus, os asiáticos valorizarem a nossa arte, para que depois a gente corra atrás disso.

XXXX

**Entrevista 02**

**Qual o seu nome civil?**

Leonardo Alves Vieira da Silva.

**Como você conheceu a capoeira?**

A primeira vez que eu vi capoeira foi no Mestre Sombra da Senzala de Santos. Depois fiquei sabendo que ele é um grande mestre, muito reconhecido por trabalhos de muitos anos. Eu estudava bem próximo à academia dele. Tive lá em



2017, conversando com ele, e ele me falou que tava desde os anos 70 naquele mesmo espaço.

Realmente é o mesmo lugar que eu via, e quando a gente muda pra Tocantins, de Santos para Tocantins, no início dos anos 90, meados dos anos 90, eu já vim com a vontade de fazer capoeira. Eu tinha uns amigos que treinavam com o mestre Sombra, eu ia lá de vez em quando, mas aí quando a gente muda pra cá que eu começo de fato a treinar capoeira.

Comecei a treinar na Terreiro Capoeira, né. E ficamos lá durante muitos anos, e sofrendo influências também de outras pessoas, do pessoal do Mestre Bimba, né, da turma de Bimba. Mas, foi desse formato que a gente iniciou na trajetória na capoeira.

### **Qual o seu apelido na capoeira?**

Mestre Asa Delta.

### **Quem te denominou este apelido, porque a escolha desse termo?**

Esse apelido eu ganhei, tava uma galera reunida e o pessoal falou com na brincadeira, não sei, não lembro quem que falou, mas quem me apelidou, em tese foi o mestre Índio. Foi, eu tava jogando, aí, no batizado eu ganhei uma benção, eu voei assim atrás, assim de braços abertos, e todo mundo falou, voou igual uma asa delta e ficou apelido, nesse fato que saiu o apelido.

### **Como surgiu o apelido na capoeira?**

O apelido na verdade, ele é uma tradição do Brasil, né. Todo mundo tem um apelido, um casal muitas vezes tem um apelido carinhoso, um menino tem um apelido na rua e isso faz parte da capoeira naturalmente, né.

O capoeirista é um cidadão, é o ser, pessoa e na época que a capoeira foi proibida segundo conta né, os apelidos ajudavam a esconder o verdadeiro nome das pessoas. Quem, quem que quem é quem tal capoeira, não aquele é o fulano de tal, mas era o apelido não o nome da pessoa. Então, isso dificultava, né.

Então isso fez parte da tradição da capoeira, o apelido. Se você for ver até antes do Mestre Bimba e do mestre Pastinha, você tinha diversos capoeiristas Chico porreta, Chico porreta, cê tinha Besouro, cê tinha, tanta gente que, Pedro Mineiro.

Pra cê ver, muita gente que, que com alcunhas né, com apelidos né, que, que foi trazendo pra capoeira.

Acho que o grande Lance do apelido na capoeira hoje, é vem da metodologia do Mestre Bimba. Porque o mestre Bimba, ele preserva a capoeira antiga, ele preserva. E como que ele preserva isso dentro da Regional, através de métodos. Então, como acontece, na regional, você entra na academia você é calouro, aí você vai aprender a sequência de ensino. Quando você aprende a sequência de ensino, e mais experienciado, já decorou a sequência, então você vai entrar no aço.

Você vai jogar a primeira vez ao som do Berimbau, e lá você tem um padrinho que vai te puxar, que é a pessoa que joga com você e ele vai te dar um apelido. Então na regional não surge e posteriormente, também assim na capoeira no modo geral, não surge de forma espontânea. É um apelido dado, e tem diversas características, pode ser o lugar que o cara mora, o jeito dele. Às vezes um apelido que já vem da rua, conhecido, mas esse apelido ele é dado de forma formal na academia.

Entendeu?

Então ele formaliza uma coisa que é uma tradição da, da, do dia a dia, da rua. Só que a partir do momento que ele ensina em academia vem pessoas de diversos lugares, não é mais como era antes, que era a pessoa da comunidade. Então acaba mantendo essa tradição que já vem do dia a dia do brasileiro e naturalmente na capoeira.

Você ver muitos capoeiristas hoje renegando, vamos chamar assim, os seus apelidos. Querem ser chamados pelos seus nomes ou se dando novos apelidos, porque eles acham que o apelido pejorativo, né. Mas, eu acho que o apelido na verdade, por exemplo o do mestre Cafuné, né, que é do mestre Bimba, que o mestre fala assim, no dia do batizado, ele não dá porrada, ele faz cafuné. Ele era devagar, não tinha esse ímpeto tão, tão, tão elevado, aí ele dá esse apelido de Cafuné.

Que na academia do mestre tinha Canhão, Quebra Ferro, Onça, Onça Negra, Filhote de Onça. Eram uns apelidos fortes e o dele é cafuné, aí ele falou que isso encorajou ele a ser uma pessoa, não ser entre aspas, tão tão retraído, fez ele, o apelido foi um estímulo e é uma coisa que a gente tenta manter aqui também. É, eu não vou dar um apelido de, um apelido pra ser bonitinho, vou dar um apelido que vai encorajar, um apelido que faz, que tem a ver com a pessoa, com a característica dela, com o jeito dela.

Entendeu?

Então, vai ter esse tipo de coisa aqui e eu nunca tive nenhum problema até hoje com apelido dado aos alunos não, muito pelo contrário. Os alunos gostam e chamam pelo apelido. E tem aquele duro, tem martelo, tem arpão. Mais tem o Cajú, aquele, aquele mais fortinho, mais gordinho, ele adora o apelido dele de Cajú. Aos familiares, tem, tem o Tereco e a Borboleta, a mãe deles chama eles de Tereco e Borboleta. A mãe, os pais chama do apelido que ganha na capoeira. Não é uma coisa assim, de, de pessoas

Agora também tem que tomar cuidado para não dar um apelido muito pejorativo no sentido que não tem nada a ver com a pessoa, tem nada, nada, nada. Eu acho que esse é o grande ponto do, do dia a dia do apelido na capoeira. É a pessoa entender porque que ela tá ganhando, e aceitar e levar isso pra vida toda.

Entendeu?

Tem algumas pessoas que o apelido não pega. Por exemplo, a Val, o apelido dela em Salvador era Do Sol, é Do Sol, na capoeira. Se você ver o filme do mestre Bimba, tem lá Do Sol, na ficha técnica. Ninguém chama ela de Do Sol, só chama Val. Aqui não pegou, né, lá o pessoal dos filhos de Bimba, chama. Mais o pessoal que não conheceu ela, que conheceu depois que ela veio pra cá, só chama de Val. Ficou mais Val do que o original, né, mais tu pode usar.

O Osvaldo, o mestre Osvaldo que é muito conhecido da capoeira, ne. Que levou o mestre pra Goiânia, o apelido dele é Dinamite, ninguém sabe que o apelido dele é Dinamite, é Osvaldo. Uns conhece só de Osvaldo. Tem gente que não pega o apelido, não tem jeito. Mais, eu acho que o grande lance é o apelido ser dado realmente de acordo com as pessoas.

... apelido esses dias, é Oncinha, esse é o Goleiro, Martelo, Marreta a outra Rapunzel que tinha o cabelo, cabelo compridinho. Vai, o apelido vai dando assim, mandhi, que é um peixe, vai assim, o apelido é assim.

### **Qual o significado do apelido de capoeira para você, o que ele representa?**

Ele representa identidade. É a forma como fui conhecido na capoeira. Uma coisa interessante, mestre Pombo sempre fala isso, muitas vezes as pessoas conhecem o Asa Delta e não conhecem o Leonardo. Que, que ele quer dizer.

Conhece só o capoeirista e não conhece a pessoa, e agente é os dois, né, o cidadão civil e o capoeirista,...

Então, eu acho legal a gente conhecer o Asa Delta por exemplo e o Leonardo.

Entendeu?

Conhecer o Luzigleidson e o Curió, e por ai, vai.

Então, eu acho que o apelido ele é nossa identidade civil e muitas vezes, a nossa identidade no serviço, no dia a dia, no meu whatsapp. No meu whatsapp do serviço ta assim, Leonardo Vieira Asa Delta, é os dois. Então, por isso que eu falei, nós somos uma coisa só, não tem um sem o outro. Eu acho que às vezes as pessoas querem diferenciar. Às vezes o cara se forma numa faculdade, em alguma coisa e só quer ser chamado de Doutor.

Entendeu?

E tem que continuar a mesma pessoa. Eu acho que é a capoeira que nos torna Doutor, entendeu? A gente é porque, eu acho legal, às vezes tem um mestre de obra, uma pessoa que trabalha no serviço de,... no emprego mais braçal e tem um médico. Na capoeira, se o mestre for o que trabalha no serviço braçal, ele vai sentar no banco e o doutor vai sentar no chão para ouvir. E eu acho que isso é o legal.

Então, não dá para você tirar um do outro. E às vezes o cara tá sentado no chão, ele olha os outros e ele quer uma ascensão, um bom emprego. Ele vai estudar, ele vai progredir. Mas, eu acho que aí ele vai ter que continuar sendo aquele mesmo cara que sentava no chão pra aprender. Porque aí que acendeu, a gente morre aprendendo, e às vezes as pessoas renegam, as vezes né, não é sempre, o apelido, muitas vezes por causa disso. Eu já ouvi isso, eu sou advogado, como é vai me chamar de nome x, eu sou médico como é que eu sou, não. Mas, antes de você ser médico você já era o Fulano, o Beltrano tá entendendo? Você ja era, então tem que continuar sendo, se não, você perde a essência.

### **Você gosta do seu apelido?**

Eu gosto, eu acho que, é como eu falei, é uma unidade.

### **Já pensou em trocar de apelido ou simplesmente não utilizá-lo?**

Não, não, não. Eu sou meio contra isso, eu acho assim, se o apelido não pega, tudo bem. Tudo bem acontece, agora se o apelido pegou eu trocar é até difícil para gente chamar. Você chama a pessoa vida inteira de um nome, aí depois, não, não sou mais isso. Eu me esforço, mas é difícil não vou mentir não, é difícil. E às vezes eu chamo, porque o cara não é, nem é de propósito é porque realmente você fala naturalmente. Você passa há vinte anos chamando a pessoa de um nome para mudar assim, é complicado.

**Algumas pessoas leigas, que não tem nenhum convívio com a comunidade capoeirística, às vezes não entendem essa questão dos apelidos. Como essas pessoas reagem ao se deparar com seu apelido, algo lhe incomoda?**

Não, não, eu nunca tive esse problema. O que eu vejo mais, no modo geral é um preconceito. Muitas vezes as pessoas ligam o batizado com alguma coisa de igreja, com alguma coisa religiosa de cunho religioso e o apelido da mesma forma. E não tem nada disso, nenhuma coisa nem outra.

Como eu falei o apelido na capoeira, é um apelido entre aspas, formalizado. Aí quando chamam o Fulano do apelido tal e vai embora e ganha o apelido. Na regional é bem formalizado bem no dia ganha o apelido. Esse dia uma menina, ima colega de serviço nem sabia a piada dela eu nem sabia que era aí ela capoeira tem lá

Uma coisa que eu acho legal, uma forma de fazer uma coisa caseira no dia do batizado, não a festa, mais o batizado. Todos os meninos aplaudem, eles acham uma festa. Então o cara na mesma hora ele se aceita, assim, ele acha legal todo mundo aplaudindo, gritando. Tem um aqui que era bem gordinho, não veio hoje. Aí o apelido dele ficou Totó. Aí os meninos querem apelidar ele de pitchula. Aí ficou Totó, aí já tá se chamando de Totó, e tal e pegou...

E assim é o que eu falei. Eu acho que o maior problema é um preconceito, o desconhecimento, que falam o que acham. Então, assim, para mim do meu apelido eu nunca tive problema nenhum, chamando não chamando, muito pelo contrário. Como eu falei, tá até no meu WhatsApp, de serviço de tudo. todo mundo conhece. Eu acho que é o maior problema é esse pré-conceito do apelido ser alguma coisa ligada a religião, ou algo do tipo, e não é nada disso.

**Gostaria de acrescentar algo que eu não tenha mencionado, mas seja relevante para você e para a capoeira?**

Eu acho que é importante os trabalhos acadêmicos com capoeira, e temas específicos. Principalmente, você vê isso muito forte na capa de Angola. Eles fazem muito a capoeira Angola e não sei o quê. O Cego tá estudando, ta fazendo mestrado agora, e fez uma pesquisa, sobre biografias na universidade e nos trabalhos acadêmicos em todos estados do Brasil, e ele no quantitativo, no qualitativo ele pegou essa situação. Então eu acho que os trabalhos de TCC, de Mestrado, de Doutorado, essa coisa toda com capoeira, os capoeiristas fazem isso acho que é importante. Você tá fazendo um tema muito interessante que o apelido. É um tema controverso, hoje na capoeira.

Você sabe que tem linhas de capoeiristas que não aceitam essas coisas de apelido, meio que querem abolir isso, né. Então, eu acho interessante ouvir, você ter essa gama de informação de diversas pessoas para fazer o seu trabalho, ter isso guardado. Quem sabe até fazer um livro disso daí, né. O trabalho, o TCC virar um livro. Às vezes, há possibilidade se você quiser, né, monta. Isso eu acho um tema bom. Eu acho que, que é isso aí. Deve talvez um mestrado futuramente, aí. Seguir às vezes nesse, nessa linha de raciocínio, com mais informações com mais dados. Só agradecendo, não tenho nada para falar fora isso não.

XXXXX

### **Entrevista 03**

**Qual seu nome civil?**

Leandro Coelho Rodrigues.

**Como você conheceu a capoeira?**

Olha eu iniciei a capoeira lá no meados de 1996/95 foi na em Conceição do Araguaia. Foi numa roda de capoeira lá, primeiro contato meu com a capoeira e depois eu iniciei a capoeira lá, acredito que foi já em 97 96 97 com Mestre Toco em Colinas do Tocantins, meu primeiro contato, os primeiros passos na capoeira.

**Qual o seu apelido na capoeira?**

É, vamos dizer assim, eu eu usava um apelido e não utilizo mais, né. Porque eu acredito que o apelido na capoeira, ele tem que ser, ele é, ele deve ser assim, por uma característica da pessoa, um perfil de uma pessoa, por um fato, por um acontecimento.

Não pode ser colocado só porque tem que ter o apelido. Porque o apelido ele, apesar de ser uma tradição que se iniciou lá na época da escravidão quando a capoeira era proibida, né, era ilegal a prática da capoeira. Então se colocava o apelido para que a polícia não descobrisse quem era o malfeitor, malandro da época.

Entendeu?

Então assim, é começou aí, a história fala isso, né, que começou nessa época. Então, e se tornou tradição, para quando a pessoa inicia na capoeira aí através do batizado é colocado o apelido nele. Mas o apelido, acredito que tem que ser, uma pessoa para colocar tem que ser uma pessoa que conheça essa pessoa e conheça bem, conheça a característica e que não seja um apelido que venha denegrir a imagem da pessoa.

### **Quem te denominou este apelido, porque a escolha desse termo?**

Esse apelido foi o mestre Índio, né. Foi em Colinas quando eu já tava, já tava na, iniciei em 97, lá na Terreio Capoeira a instituição que eu faço parte até hoje, com o Mestrando Tigrão, que na época ele só era um aluno graduado. Então, o mestre Índio teve lá no interior de Colinas, e aí, ele foi denominando apelido para cada aluno, né, que tava sem apelido na época. E eu não tinha apelido, e aí eu me recordo que eu estava numa sorveteria era no local parecido como esse que a gente está aqui. Era assim a luz, ele olhou para mim, Melão. Por conta da cor, né. Ele falou, não, é porque não é amarelo nem branco, né.

Então assim, é por conta disso que eu não utilizo o apelido. Porque todas as vezes que a pessoa me pergunta, há porque melão, aí eu tinha que justificar. Inclusive eu já cheguei a inventar história para poder tentar justificar o porquê do apelido. Isso é chato, né. Tanto é que em 2002, já quando eu não treinava mais com o Tigrão por questões pessoais, passei a treinar com o mestre Ganso, né, em Paraíso do Tocantins e eu cheguei a questionar ele sobre apelido. inclusive, pedi ele pra mudar, ai ele, vamos ver. E aí foi o rolando, passando.

E aí depois, cinco anos mais tarde em 2007, eu tinha falado com Mestre Esquisito também lá em Brasília, que eu morei lá dois anos com ele, e aí ele foi colatando, né, e aí continuou. Aí em 2017, o mestre, quando eu passei na OAB, aí o mestre já, já falou não, agora, a partir de hoje você vai ser o Dr Leandro. E aí, eu pensando profissionalmente, né, eu resolvi não utilizar o apelido. Não mudei o apelido como muitas pessoas pensa, há mudou o apelido, não apenas passei a utilizar o meu nome mesmo.

### **Atualmente, como que o apelido está sendo atribuído aos capoeiristas?**

Eu acredito que, assim, as pessoas já estão tendo mais um pouco de cuidado, né, ao colocar um apelido. Até porque, a época que a gente iniciou era bem diferente. Então ninguém sentia, não tinha a questão do bullying, né. Era um apelido e aí quanto mais a pessoa não gostasse, aí que pegava mesmo. Hoje não, né.

Hoje, a pessoa já tem essa preocupação de não denegrir o outro, né. Existe alguns casos isolados que eu acredito que ainda tem pessoas que não tem, né, esse pensamento mas assim, voltado pra, pra pensar na pessoa em si mesmo, o que ela sente aquela pessoa. Mas é uma minoria, bem minoria.

E assim, tanto é que essa tese é afirmada que o apelido não é obrigatório, porque o próprio mestre Bimba, um dos maior nome da capoeira, né, que o Manuel dos Reis Machado. Mestre Bimba quando ganhou o nome foi no parto, né, no momento do nascimento dele.

Então assim, aí você vê que a questão da obrigatoriedade, né, da tradição em si, ela não tem, né. Porque o apelido ele pode ser assim, o apelido que você tem na sua casa, lá na sua comunidade onde você é conhecido. Então pode ser esse apelido utilizado.

Então você entende, tem um contexto, tem uma história por trás. Não é só porque a pessoa não tem apelido que tem que ter. E aí coloca qualquer coisa. Aí olha para pessoa, cara de manga, é Manga. Não, não é bem assim, tem que ter esse cuidado.

### **Qual o significado do apelido de capoeira para você, qual a importância?**

A importância eu dou assim, pela questão da tradição, né, que, que se mantém. Mas eu não vejo como um fator principal, né, tem essa importância toda, né. É uma identidade, porque ela acaba virando a identidade da pessoa, né. Você



nasce, você é registrado, tem uma identidade, você vai para capoeira cria-se uma identidade que você leva para vida toda.

Então assim, ela tem uma importância, é importantíssimo. Por isso que, o cuidado que a gente tem em colocar o apelido na pessoa. Principalmente o professor, contra mestre, mestre, o responsável que tá ali, ele tem que ter essa percepção, né, pra não. Muita gente, teve pessoas que já saíram, né, quando receberam apelido não voltava mais. Então assim, eu sempre me preocupei com isso. Inclusive eu, eu quando eu dava aula pra meus alunos eu tinha dificuldade de colocar, mas, porque eu pensava no bem estar do aluno. Então se ele, ah não gostei, não chamava mais.

Então assim, eu tentava me esforçar ao máximo pra tentar identificar alguma coisa que realmente fazia parte da característica do aluno, do perfil dele ou de um fato, né, para poder. Porque o apelido, ele pode ser um apelido que, pode ser um apelido que você chama um cara de magrelo mas ele é gordo, né, por exemplo, pelo contrário, né. Pra que a pessoa sinta. Ah é, um apelido de coragem para pessoa que, né, não esboça tanto esforço e tudo, então, faz a pessoa dar uma leva uma levantada. Então tem essa questão do apelido, né, de fazer esse jogo e é o mestre que, que tem que perceber isso para poder ajudar e não, né atrapalhar o desenvolvimento da pessoa como um ser em si, um ser humano, cidadão, o crescimento dele pessoal, né.

**Gostaria de acrescentar algo que eu não tenha mencionado, mas seja relevante para você e para a capoeira?**

Olha, o pensamento que eu tenho assim que é, que é importante é, é principalmente quando o pai vai iniciar o filho na capoeira ele e isso é importantíssimo. O pai ele não conhece quem é o professor direito. Ele não conhece nada sobre a arte. Então assim, ele tem que ter esse olhar mais Clínico, né. Pra quando colocar o filho, pra não acontecer caso dele ser colocado um apelido que venha denegrir, né, a imagem dele, ou que não venha causar uma boa imagem da pessoa, né. Que tem apelido que você chega, tá numa reunião ali de pessoas, no evento aí você fala um apelido e não cai bem, né. Não soa bem. Então assim, é na verdade mas o responsável, o mestre, o Professor, seja quem for que está lá na frente, o instrutor. Ele tem que ser uma pessoa que já tenha um equilíbrio, né. Assim

que tem essa percepção, essa visão pra não causar um transtorno na vida da pessoa.

xxxxx

#### **Entrevista 04**

##### **Qual seu nome civil?**

Rafael Alves Vieira da Silva.

##### **Como você conheceu a capoeira?**

Certo, sou natural de Santos - São Paulo, e a gente se mudou pro Tocantins no final de 97. Nunca tinha ouvido falar de capoeira, nem sabia o que era capoeira, era criança. Meu pai trabalhava já para as bandas aqui do Tocantins, ele vendia material hospitalar, já passava meses para cá, depois voltava pra Santos e tal. Então quando a gente se mudou aqui para o Tocantins, em Paraíso do Tocantins no final de 97, o meu irmão, que é o mestre Asa Delta, ele já, já tava atrás de capoeira lá em Santos e tudo mais e aí ele encontrou uma academia de capoeira lá em Paraíso Tocantins.

Que era na época, era, Jeguinho era aluno ainda. Tava recém pra receber a corda de monitor. E aí ele começou a treinar e eu como irmão mais novo só fui acompanhando em casa e depois de uns meses eu entrei para treinar a capoeira lá em Paraíso também, isso já em 98, né.

Entre para treinar capoeira com mestre Jeguinho. Depois a gente se mudou pra Palmas. Moramos 98, durante Paraíso o ano inteiro. Nós mudamos pra Palmas em dezembro de 98.

E aí, o Asa Delta continua treinando como com o mestre Índio. E aí esse ano de 99 eu não treinei só fiquei acompanhando ele em casa, treinava com ele em casa, alguma coisinha assim. E só nos anos 2000 é que eu voltei aí de fato a treinar capoeira. Que foi com um, um colega aluno do mestre Índio também. Que era vizinho nosso que era o Tchêscó Ele começava, ele começou a dar aula no colégio Estadual que é hoje o Colégio Militar. A gente morava ali perto.

Aí eu comecei a treinar com o thesco lá. Que era próximo de casa, ele tava sempre lá em casa, que era muito próximo do meu irmão.

E aí, o Thesco depois. Fiquei com ele até o ano de 2002. Ele se mudou de Palmas. E aí eu fiquei ligado direto ao mestre Índio, que era o mestre de todo mundo, até o mestre Índio fundar o grupo dele, Tribo Arte, que foi em 2011.

A partir daí, a gente continuou na Terreiro Capoeira com o mestre Esquisito, né, direto, ligado direto ao mestre Esquisito. Paralelamente aí isso, tive um contato com o mestre Pombo de Ouro que acabou mudando toda nossa relação de capoeira e nos levou para Salvador onde conhecemos o mestre Itapoan e fizemos todo um caminho paralelo em busca da capoeira regional com o mestre Pombo de Ouro, né, nos guiando e o Mestre Itapuã também nos orientando.

Então, em 2019 nós saímos da Terreiro Capoeira, fundamos o Centro de Capoeira Carta de ABC. Onde ficamos ligados direto ao mestre Pombo de Ouro, que já fazia esse papel de mestre com a gente, durante cerca de quase 20 anos, também, né. E aí, ele é o patrono da nossa escola, assim como Mestre Itapuã. E aí, 17 de junho de 2022, ele me reconheceu mestre, junto com Asa Delta. E 17 de junho de 2023, recebemos o diploma de Mestre.

Fundão de papel de ABC onde ficamos ligado direto ao médico como de outro já faz tempo papel com a gente durante cerca de quase 20 anos, também, né. E aí, era o nosso patrono na nossa escola assim como um mestre aqui tá boa e aí 17 de junho de 2022 ele reconheceu o médico junto com a casa dela e 17 de junho de 2023, ano depois recebemos o diploma de mestre.

### **Qual seu apelido de capoeira?**

Cego, meu apelido Cego.

### **Quem te denominou este apelido, porque a escolha desse termo?**

Esse apelido é interessante. Interessante essa questão do apelido na capoeira, por que nem sempre surge na capoeira, né. O apelido ele, é um nome social que a gente recebe dentro de um círculo social que a gente convive, né. Então, a gente recebe os apelidos em casa, na escola e tudo mais. E a capoeira, ela reproduz isso dentro desse universo social da própria capoeira, né.

Então, o meu apelido cego ele veio de fora da capoeira. Era assim que meus amigos me chamavam na escola. Então, quando eu comecei a treinar no Colégio Estadual, eu levei alguns colegas que estudavam comigo na escola e lá eles ficavam me chamando Cego, cego, Cego tal não sei o que. Até na época, o Thesco, ele quis

me apelidar de Guatambu. Mas era uma coisa que não tinha nenhum significado pessoal, alguma coisa nesse sentido, né. Então, aí ficou Cego devido os outros colegas já me chamarem de Cego. E isso se tornou um nome próprio, meu mesmo, né, que hoje eu levo até pra fora da capoeira. Muitos apelidos vem de fora da capoeira para capoeira e outros da capoeira vão pra fora da capoeira no meio social, né, que a gente convive.

E a capoeira, ela faz isso, né. O maior exemplo é o próprio mestre Bimba. O maior mestre que recebeu o apelido dele na hora do parto. Não foi na capoeira, a capoeira reproduziu um apelido que ele já tinha desde o nascimento dele.

### **Como surgiu o ato de nomear o capoeirista?**

Então, voltando o que eu tava falando. O apelido é como se fosse um nome social, um nome que a gente dá para uma pessoa adentrar dentro desse círculo. Então desde criança a gente a apelida filho até uma mãe, é um costume brasileiro. Na verdade vem mais de uma tradição africana construída no Brasil, né. E a capoeira, ela reproduz isso, com esses nomes que as pessoas vão recebendo e vão recebendo esses nomes dentro desse círculo social da capoeira.

Muitas vezes não pega o apelido. A gente tem exemplos de grandes Mestres como por exemplo o proprio mestre Pastinha, que Partinha é um sobrenome dele, né. Vicente Ferreira Pastinha, o nome dele. Não é não é um apelido em si. Embora tivemos outras pessoas que tiveram grandes apelidos no mundo da capoeira de outrora da Bahia, que a capoeira que a gente pratica, a capoeira baiana.

Então reproduzindo todo esse contexto social. A capoeira por si só, como é um micro que reproduz um macro, né. Ela, ela mantém essa tradição desse nome social através do Mestre Bimba. O mestre Bimba foi o principal nome, o principal mestre que criou uma tradição de batizado e de apelidos dentro da capoeira.

Então, como a maioria dos alunos dele eram pessoas de fora do ambiente social da capoeira, ambiente social da capoeira que é aquele ambiente do porto, do cais, da rua e tudo mais. Muitos eram estudantes. O apelido se torna uma forma deles ingressarem nesse mundo da capoeira também, né. De um mundo que eles não faziam parte.

E aí, a partir desse nome, a partir desse batismo, é dessa iniciação que eles começam a fazer parte desse mundo. Também se sentem parte dele, né, cria-se ai uma identidade, né. Então, mestre Bimba criou o batizado e o apelido, né. Criou que

eu falo, num contexto que se virou tradição dentro da capoeira ter isso, né. Que vale qualquer coisa, vale uma característica física, vale a onde a pessoa mora que é muito comum isso, da onde a pessoa mora.

Por exemplo, temos o Mestre Itapuã que o apelido dele é Itapuã porque ele mora no bairro de Itapuã, que é longe onde era academia e ele tinha que chegar mais cedo, aí fala oh de Itapuã, oh de Itapuã, ficou Itapuã, né. E outros mestres importantes como por exemplo, mestre Valdemar da liberdade, que a liberdade é o bairro onde ele tinha o barracão; Valdemar do Pero Vaz, Pero Vaz é a rua que ele, que ele tinha; Valdemar da Paixão outro sobrenome dele, Valdemar Rodrigues da Paixão o nome dele, né. Então outros mestres famosos como por exemplo, mestre Tontonho de Maré, porque é da Ilha de Maré, o local que ele, que ele veio.

Então tudo isso, fazia com que identificasse o capoeirista. Muitas vezes de onde ele era, qual ou alguma aparência física dele e tudo mais. Alguma característica pessoal dele. E isso foi se tornando cada vez mais tradição dentro da capoeira, principalmente, na expansão da capoeira regional pelo Brasil.

### **Qual a função do apelido na capoeira?**

Então, a função é isso, a função é criar, um começar a construir uma identidade da pessoa dentro da capoeira, né. Embora alguns apelidos não peguem, mas de qualquer forma a pessoa está ali, inserida, e ela recebe algum nome para poder estar ali, mesmo que seja o próprio nome dela, né. Mas o apelido é para isso, é para diferenciar ela dentro desse ambiente capoeirístico que ela convive e a partir daí ela vai criando a sua própria identidade. Que pode sim, muito bem levar para fora da capoeira, né.

Então, muitas vezes a gente recebe esse apelido dentro da capoeira e num outro ciclo social nosso, do trabalho, da família, os amigos fora da capoeira também nos chamam por esse nome que a gente recebeu dentro da capoeira, né. Então, o apelido ele tem uma principal função de iniciar uma construção da identidade do praticante da capoeira.

### **Atualmente, como que o apelido está sendo atribuído aos capoeiristas?**

Continua característica, personalidade. Embora alguns dão apelido de forma aleatória, né, o que eu não concordo muito. Mas é uma, era uma prática também comum que se fazia, né, dá o apelido na hora, né. Olha pra pessoa e dá o apelido.

Eu aqui por exemplo, fiz isso também. Mas hoje em dia, né, depois com mais consciência, ministrando aulas como a gente ministra aulas pra criança. Hoje em dia eu converso com os pais antes de dar o apelido. Eu busco saber se ele já tem algum apelido fora. Se o pai, a mãe ou na escola, falo até para o próprio aluno se ele tem algum apelido fora para ver se, se encaixa também, a gente conseguir trazer o apelido dele de fora para dentro da capoeira.

Outras vezes não, outras vezes a gente cria o apelido aqui mesmo dentro da capoeira e quando a gente vai ver os pais, as pessoas que, que não vem da capoeira também estão chamando aluno pelo pelo apelido que ele ganhou. Mas, eu acho isso importante porque como construção de identidade da pessoa, né. é preciso ter uma responsabilidade para com o apelido, né. Pra a gente não poder fazer algo que seja, diminua a pessoa, né. Que seja, que deixa a pessoa estereotipada de alguma forma específica, né. Para que ela não se sinta mal. Mas o apelido tem que ser um nome que ela se alegra, que ela se sinta bem e é que ela perceba isso também e começa a construir a sua identidade a partir daí.

### **Qual o significado do apelido de capoeira para você ?**

O apelido, esse é interessante. Porque como a gente recebe um apelido, a gente pode também receber o apelido pelo, pelo modo literal dele ou a gente pode ressignificar ele, né, de alguma forma.

Por exemplo, meu apelido é Cego, né. Então eu poderia receber ele de uma forma literal como alguém que não enxerga nada, que não está vendo nada ao seu redor, de alguém que não tem uma visão do que, do que tá acontecendo ali, é só uma percepção.

Mas, eu posso ressignificar ele para utilizá-lo de uma forma ao contrário, que é uma característica também dos apelidos de capoeira, ou seja, o Cego pode ser aquele que enxerga mais do que as outras pessoas. Assim como o gigante pode, é um cara, pode ser um cara baixinho, né.

Então, o apelido também, ele dá essa característica pra gente poder ressignificar aquilo e ele se torna o contrário do que a pessoa aparenta ser, né. Então a gente pode construir isso.

Então para mim, meu apelido Cego, hoje, é uma identidade que eu carrego. Eu assino Rafael Cego, né, no meu trabalho tem pessoas que me chamam de Cego, né, não só Rafael. Então já ultrapassou a questão da própria capoeira, né. E eu, e

por onde eu ando as pessoas também vão ressignificando isso, fazendo brincadeiras comigo. Ah o cego que mais vê, o cego que enxerga tudo, né. Então a gente cria-se é, esse ambiente também favorável pra gente. Embora pareça ser um apelido que possa diminuir, mas não, pelo contrário ele ampliou a minha visão.

### **Você já pensou em trocar de apelido ou simplesmente não utilizá-lo?**

Eu gosto do meu apelido, nunca pensei em trocar, ele já é nome próprio.

### **Algumas pessoas leigas, que não tem nenhum convívio com a comunidade capoeirística, às vezes não entendem essa questão dos apelidos. Como essas pessoas reagem ao se deparar com seu apelido, algo lhe incomoda?**

Não, não eu nunca me incomodei porque eu também nunca me preocupei muito né Nunca dei muita importância com essas essas opiniões que podem ter acontecido de uma forma negativa né Eu sempre me preocupei mais em construir a minha própria identidade né com esse apelido que eu me identifiquei com ele né natural porque eu tenho seis graus de miopia realmente quando eu tiro o óculos não enxergo muita coisa mas é até interessante que a gente joga capoeira, ah mais como é que você joga capoeira sem óculos e tudo mais. Mas a gente vai, vai se adaptando. O ser humano ele chegou até aonde, porque ele conseguiu se adaptar, e eu tinha que fazer isso também, né.

Então, eu sempre, eu me blindei a isso. E aí eu ligo mais, assim, para as questões positivas que envolvem, né. Ah o cego que vê, o cego que enxerga. Então, isso que acaba me, me alegrando mais, e é o que trago mais para mim.

### **Gostaria de acrescentar algo que eu não tenha mencionado, mas seja relevante para você e para a capoeira?**

Certo!

É importante a gente ter em mente também, essa questão da identidade do capoeirista, né. Então, muitas vezes a gente entra, o aluno entra na capoeira e ele não sabe se ele vai continuar ou não. E muita das vezes a sua continuação pode depender do nome que ele recebe, né. Então, muitas vezes, depois quando é criança a pessoa fica, recebe não entende muito bem, depois que cresce ela começa a ter novas interpretações dos apelidos.

Por isso, que a gente tá vendo hoje uma demanda muito grande de pessoas que estão abolindo o seu próprio apelido da capoeira. Porque depois de muitos anos de capoeira e a pessoa parou para refletir que aquilo não tem nada a ver com ela. Que aquilo não é, não é ela, que ela não se identifica com aquilo, e durante muitos anos ela acabou carregando isso consigo, pode, de uma forma até negativa, né. Porque, se ela abandonou um nome, é porque durante muitos anos ela passou magoada, refletindo. Muitas vezes pode até chegar a pensar em parar com a capoeira devido ao apelido que ela recebeu.

Então, essa forma é importante a gente refletir, porque é a nossa identidade. É uma forma da gente manter a capoeira, não só a tradição da capoeira, mas, manter todo um legado histórico que a capoeira tem. Inclusive da própria renovação da nossa capoeira, que é muito importante.